

Meio Mundo

Revista-laboratório do Curso de Jornalismo da UFSM - campus Frederico Westphalen

número 4

Tchê music

e o Tradicionalismo

O cantor nativista Luiz Marengo fala sobre tradicionalismo e novos rumos da música gaúcha



Kiara Rock

4



14 anos de Detonautas

6



Tradicionalismo x Tchê Music

8



Cultura gaúcha

10



Patroa de CTG?

12



A mulher dos 5 maridos

13



Agricultura familiar

14



Eder Calegari

16



Existe fala errada?

18



Intercâmbio Estudantil

20



Controle de tráfego aéreo

21



Uma cidade dividida

22



Literatura de fantasia

24



Artistas de rua

26



Cinear-te

27



Pressão pelo peso

28



Cheias de pose

30



Convivendo com celulite

34



Ergonomia

35



Novidades velhas

36



Brincadeira de criança

38



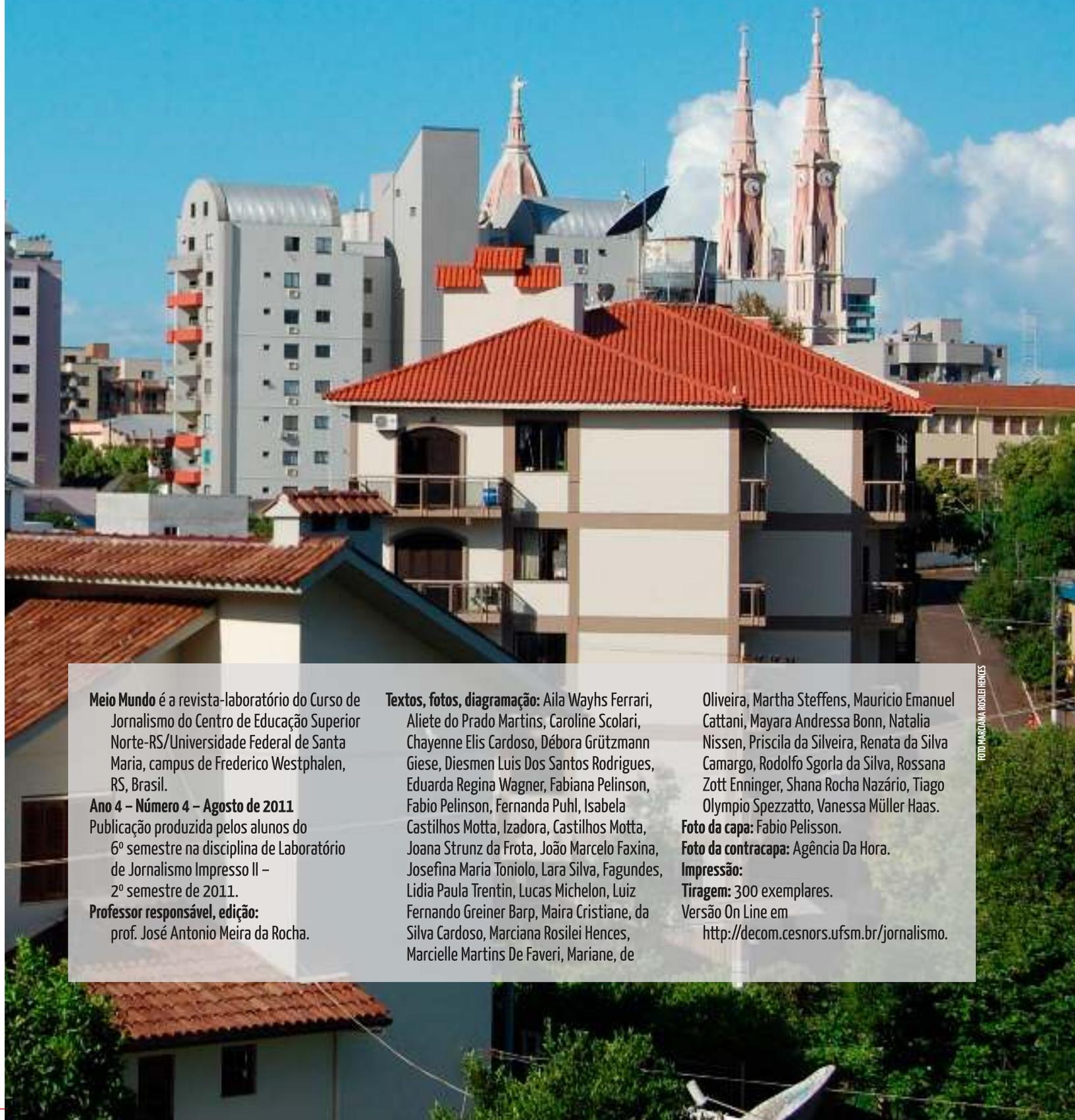
União Frederiquense

39



Ministério da Educação do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior NorteRS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Jornalismo

Reitor: prof. Felipe Martins Müller
Vice-Reitor: prof. Dalvan José Reinert
Pró-Reitor de Graduação: prof. Orlando Fonseca
Diretor do CESNORS: prof. Genesio Mario da Rosa
Chefe do Departamento de Ciências da Comunicação: prof.^a Helaine Abreu Rosa
Coordenador do Curso de Jornalismo: prof. Fábio Silva



Meio Mundo é a revista-laboratório do Curso de Jornalismo do Centro de Educação Superior Norte-RS/Universidade Federal de Santa Maria, campus de Frederico Westphalen, RS, Brasil.

Ano 4 – Número 4 – Agosto de 2011

Publicação produzida pelos alunos do 6º semestre na disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso II – 2º semestre de 2011.

Professor responsável, edição:
prof. José Antonio Meira da Rocha.

Textos, fotos, diagramação: Aila Wayhs Ferrari, Aliete do Prado Martins, Caroline Scolari, Chayenne Elis Cardoso, Débora Grützmann Giese, Diesmen Luis Dos Santos Rodrigues, Eduarda Regina Wagner, Fabiana Pelinson, Fabio Pelinson, Fernanda Puhl, Isabela Castilhos Motta, Izadora, Castilhos Motta, Joana Strunz da Frota, João Marcelo Faxina, Josefina Maria Toniolo, Lara Silva, Fagundes, Lidia Paula Trentin, Lucas Michelon, Luiz Fernando Greiner Barp, Maira Cristiane, da Silva Cardoso, Marciana Rosilei Hences, Marcielle Martins De Faveri, Mariane, de

Oliveira, Martha Steffens, Mauricio Emanuel Cattani, Mayara Andressa Bonn, Natalia Nissen, Priscila da Silveira, Renata da Silva Camargo, Rodolfo Sgorla da Silva, Rossana Zott Enninger, Shana Rocha Nazário, Tiago Olympio Spezzatto, Vanessa Müller Haas.

Foto da capa: Fabio Pelisson.

Foto da contracapa: Agência Da Hora.

Impressão:

Tiragem: 300 exemplares.

Versão On Line em

<http://decom.cesnors.ufsm.br/jornalismo>.

FOTO MARCIANA ROSILEI HENCES



Mais de três horas de show em duas noites agitaram Cascavel

Na pegada da Kiara Rocks

A banda paulista que resgata o rock de verdade no cenário musical brasileiro faz uma parada em Cascavel para dois shows regados a muita energia e personalidade.

Débora G. Giese e Josefina Toniolo

debora_ggiese@hotmail.com,
josy.toniolo@hotmail.com

Apenas três anos de estrada e a banda Kiara Rocks já possui um currículo invejável. Além de um álbum com composições próprias, eles contam com participações em programas de TV, festivais e um legado de fãs na internet. Os caras fazem um som verdadeiro, que busca reanimar o cenário do rock brasileiro e mostrar que, apesar das dificuldades, é possível trabalhar nesse meio sem se corromper com as “modinhas”.

Formada por Cadu Pelegrini no vocal, Anselmo Fávoro na guitarra, Juninho no baixo e mais novo integrante Ivan Copelli na bateria, a banda já possui um legado de fãs que sempre a apoia nas empreitadas, mesmo quando não alcançam o objetivo. Autodenominados de “máfia”, satirizando as “famílias” criadas pelas bandas coloridas, são muito leais e ajudam a divulgar os trabalhos do quarteto. “A gente faz o que pode para colaborar. Às vezes não conseguimos fazer tudo que gostaríamos, mas se cada um fizer um pouco a Kiara vai ganhando espaço. Os caras são bons e muito queridos, merecem nosso apoio e respeito”, afirma a estudante de 19 anos Daiane Giroto.

Mas não são só os fãs que se esforçam para

o reconhecimento da banda. Os integrantes trabalham pesado para “fazer as coisas acontecerem”. Todo esse empenho já rendeu bons frutos, entre eles está a mais nova conquista: Matt Sorum (ex Guns N’Roses) como produtor do novo álbum. O CD que está em fase de mixagem terá 11 faixas autorais e ainda três versões acústicas das músicas “Últimos Dias”, “Pode Apostar” e “Todos os Meus Passos”. Essa última ganhou um clipe sobre o qual o Anselmo comenta um pouco: “Vai ter o Matt na bateria... A gravação foi

meio corrida, pois estávamos gravando os áudios naquela época. Vai ser uma coisa bem simples, uma pegada mais acústica da música. Algumas cenas em estúdio, outras fora... é bem “Patience” do Guns, não sei porque né? (risos) Mas ficou legal”.

O orgulho pelo trabalho que estão realizando fica evidente quando falam entusiasmados sobre o assunto. “Ah, foi muito louco e ao mesmo tempo dava medo, você sabia que estava aprendendo coisas que não é com qualquer um que você vai aprender”, conta o guitarrista sobre a experiência.

O primeiro álbum da Kiara Rocks foi produzido de maneira independente, da mesma maneira que o segundo, seguindo a filosofia “do it yourself” (faça você mesmo) e fez sucesso entre a crítica e os fãs. Prova de que o trabalho foi bem feito e bem aceito, é que o single do primeiro CD, “Últimos Dias”, ganhará uma versão acústica nesse próximo. As expectativas para o lançamento, cuja data ainda não foi divulgada, são grandes. Afinal, não é qualquer banda que consegue parceria com dois ex-Guns’N’Roses.

Em terras paranaenses

Em meio a esse turbilhão de novidades e com toda a energia já característica da banda, dois shows em Cascavel foram marcados para os di-

“ Eu me surpreendi com Cascavel. Público alto nível, muito legal a cidade, eu esperava que fosse mais ‘interior’. Hoje já foi bom e amanhã será melhor ainda. Não adianta, não dá para competir com o Exalta.”

Kiara Rocks



Anselmo Fávoro durante o show no Hooligans Pub

“A gente não costuma fazer repertório, de tanto tocar já temos uma sintonia. Se você fizer um sem sentir como o público está recebendo, você pode não agradar, então é melhor você sentir e escolher as músicas na hora.”

Kiara Rocks

as 26 e 27 de agosto, no Hooligans Pub. A cidade ganhou a simpatia das caras, que viajaram cerca de 900 km para que as apresentações se tornassem possíveis. “Eu me surpreendi com Cascavel. Público alto nível, muito legal a cidade, eu esperava que fosse mais ‘interior’. Hoje já foi bom e amanhã será melhor ainda. Não adianta, não dá para competir com o Exalta”, comenta o guitarrista Anselmo.

Todo o alvoroço em torno do show da turnê de despedida do Exaltasamba, que movimentava a cidade na noite do dia 26, poderia diminuir o público e prejudicar a banda Kiara Rocks, mas não teve todo esse poder. “A gente não tem um histórico muito bom. Quando a gente vai numa cidade ou tem rodeio com Luan Santana, ou tem o Chiclete com Banana, ou tem coisas excepcionais, como o último show do Exaltasamba na carreira deles. Mas beleza, sempre tem alguém que está querendo fugir dessas modinhas, procurando um lugar com rock’n’roll”, comenta Anselmo. Com a casa cheia de verdadeiros admiradores do estilo, foi uma noite memorável, regada a bons e velhos clássicos do rock. Assim como no segundo dia, quando o Hooligans lotou de gente que pulava e cantava junto com a banda todas as músicas.

Repertório

Foo Fighters, Guns N’ Roses, Skid Row, Motörhead, Aerosmith, Bon Jovi foram algumas das bandas que fizeram parte do repertório indefectível deles que, curiosamente, era escolhido na hora. “Até é uma falha nossa, a gente não costuma fazer repertório, de tanto tocar já temos

uma sintonia, aí fica fácil. Se você fizer um e começar a seguir ele sem sentir como o público está recebendo, você pode não agradar, então é melhor você sentir e escolher as músicas na hora. Mas tem que ser meio discreto se não a galera fala ‘ih, tão perdidos’”.

Quando perguntado sobre a pouca quantidade de músicas próprias na apresentação, apenas duas no primeiro dia e uma no segundo, Anselmo foi franco: “A gente vai tocando e vendo como a galera reage e dependendo como for, começamos a colocar só som nosso, ou ficamos nos covers, afinal, a gente não tá no Faustão ainda. (risos)”.

Independente de como é feito o repertório, se é escolhido antes, na hora ou mesmo que fosse psicografado, o show é envolvente, de ótima qualidade. A entrega de corpo e alma dos integrantes e a busca por dar o seu melhor é perceptível, quase palpável e essa é a magia da Kiara Rocks: juntar a técnica com a paixão pela música.

Que mais bandas brasileiras não se acomodem perante a situação que o rock brasileiro se encontra hoje e sigam o exemplo da Kiara Rocks, sendo verdadeiros naquilo que fazem e não se vendendo para o “sistema” aos primeiros obstáculos, tocado um som visceral, que seja uma forma de manifestação às regras impostas pelo mercado fonográfico. Assim, talvez, o cenário musical do nosso país melhore e mais pessoas possam viver noites memoráveis como foram essas e setir que o espírito do rock’n’roll ainda está vivo, é só saber onde resgatá-lo. ■



Integrantes da banda, da esquerda para a direita: Anselmo, Cadu, Juninho e Ivan

Há 14 anos detonando

Conheça a trajetória de sucesso do Detonautas

Isabela e Izadora Motta

belcmotta@hotmail.com, docmotta@gmail.com

A banda Detonautas Roque Clube, mais conhecida como Detonautas, foi formada no ano de 1997 no Rio de Janeiro RJ. Os músicos se conheceram através da internet, ambos tinham o sonho de montar uma banda um rock.

Tico Santa cruz (vocalista) perguntou em uma sala de bate papo da internet se alguém que estava ali tocava algum instrumento, Tchello (baixista) respondeu que sim. Os dois começaram a conversar. Tico morava no Rio de Janeiro e Tchello na Bahia. Após algumas conversas pela internet, Tico e Tchello marcaram de se encontrar no Rio de Janeiro, em um posto de gasolina em Ipanema. Ainda em 1997, Renato Rocha (guitarrista) entrou na banda com a intenção de tocar teclado, mas acabou se tornando um dos guitarristas.

Em 1999 Rodrigo Netto (guitarrista) entrou para a banda, em 2000 o baterista Fábio Brasil e em 2001 Cléston Oliveira (DJ e percussão).

Suas canções se referem a amor, sexo, violência e corrupção.

Foi com a ajuda do cantor Gabriel, O Pensador, e a insistência de Tico Santa Cruz, que o Detonautas foi conseguindo espaço, primeiro nas rádios e depois foram na estrada.

Questionado sobre quais as influências musicais da banda, Tico Santa Cruz diz que algumas delas foram: Cazusa, Raul Seixas e Legião Urbana.

O primeiro show da banda foi para idosos, e as músicas eram polêmicas e cheias de duplos sentidos.

No ano de 2002 o Detonautas lança seu primeiro cd, Detonautas Roque Clube. "Ladrão de gravata", "Ei Peraê?", "Que diferença faz" e "O bem e o mal" foram canções de destaque pelas letras polêmicas. Mas, as músicas que fizeram maior sucesso foram: "Outro Lugar", "Olhos certos" e "Quando o sol se for" (a música mais famosa da banda).

No mesmo ano o Detonautas abriu dois shows do Red Hot Chili Peppers, no Brasil. O público se surpreendeu, pois a banda que era nova e pouco conhecida, já estava abrindo shows de um dos grupos de maior destaque internacional. Porém pouco tempo depois os músicos já estavam fazendo sucesso.

Em 2004 foi lançado o segundo álbum, Ro-



Renato Rocha fazendo seu solo

que Marciano. Esse álbum possui influências de Hardcore melódico americano. As músicas canções de maior sucesso foram: "O Amanhã", "O Dia Que Não Terminou", "Tênis Roque", "Só Por Hoje", "Mercador Das Almas" e "Nada Vai Mudar". Com esse cd, a banda ganhou o primeiro disco

Show do Detonautas em Frederico

de ouro. E ainda neste ano, gravaram o seu primeiro DVD, também intitulado Roque Marciano, com duas músicas inéditas, "Diz Quanto É Então" e "D Maior".

Em 2006 a banda lança seu terceiro álbum, Psicodeliamorsexo&distorção. Esse cd possui um som mais pesado e uma forte presença da voz. O disco proporcionou à banda turnês nacionais com recorde de público e turnês internacionais. As músicas: "Não Reclame Mais", "Apague A Luz", "Assim Que Tem Que Ser" e "Insona" foram destaque, mas, o grande hit foi "Você Me Faz Tão Bem". O CD ainda contém a faixa bônus "The Wrong Life In The Right Way", cantada em espanhol por Tico Santa Cruz

As músicas: "Não Reclame Mais", "Apague A Luz", "Assim Que Tem Que Ser" e "Insona" foram destaque, mas, o grande hit foi "Você Me Faz Tão Bem". O CD ainda contém a faixa bônus "The Wrong Life In The Right Way", cantada em espanhol por Tico Santa Cruz. Neste ano uma



Tchello e Renato agitando o show

tragédia marca a trajetória da banda. Em 4 de junho, aos 29 anos de idade, o guitarrista Rodrigo Netto foi assassinado ao passar com o seu carro em uma das avenidas mais importantes do Rio de Janeiro.

Phillipe que era roadie da banda passou a tocar guitarra no backstage do palco. Em 2007 ele passou a tocar na banda como músico contratado e em novembro de 2008 após um show recebeu o convite para fazer parte da banda.

Dois anos após a morte do guitarrista Rodrigo Netto, a banda entrou em atrito com a então gravadora Warner Music Brasil. Tico Santa Cruz se recusou a lançar um álbum acústico, o que gerou em uma rescisão de contrato. Pouco tempo depois a banda assina com a rival Sony Music. No mesmo ano, gravam o seu quarto cd, O Retorno de Saturno.

Ao contrário do disco anterior, este cd possui uma influência mais leve e voltada ao Pop rock. "O Retorno de Saturno" e "Verdades do Mundo" (uma homenagem a Rodrigo Netto, guitarrista falecido) são as músicas que fizeram maior sucesso. Esse álbum recebeu indicação ao

Grammy Latino.

Em 2009 a banda lançou o CD e DVD acústico. O repertório contém os sucessos, além de duas músicas inéditas, "Só Nós 2" e "O Inferno São os Outros". O DVD também contém os covers "Até Quando Esperar" da Plebe Rude, e "Mais Uma Vez" do Renato Russo.

Atualmente a banda está gravando o seu quinto álbum, porém de forma independente.

No dia 19 de julho a banda lançou em seu site oficial uma das canções que fará parte do quinto cd. A música chama-se Combate e está liberada para download.

Dia 8 de agosto foi lançada a música Um Cara De Sorte também liberada para download.

Dia 7 de setembro a banda disponibilizou mais uma música nova para download que se chama Sua Alma Vai Vagar Por Ai.

E dia 27 de setembro foi lançada e também disponibilizada para baixar a música "Conversando Com O Espelho".

No dia 2 de outubro de 2011 a banda se apresentou no Rock in Rio, maior festival de Rock do Brasil. Tocaram no mesmo palco que Guns N' Roses, System of a Down, Evanescence e Pitty. ■



Camarim após o show

Entrevista com a Fã

Nome: Adriana Cunha

Idade: 20 anos

Estudante de Publicidade e Propaganda

Mora em Pelotas-RS

Quando você conheceu a banda Detonautas, foi através do que?

Conheci a banda quando tinha 13/14 anos, em 2004, através da novela Malhação que tinha a música Quando o sol se for como trilha.

Desde quando você é fã da banda? O que chamou a sua atenção para isso acontecer?

Sou fã da banda desde 2004.

Assim que descobri o nome da banda que tocava aquela música da Malhação, fui procurar o site deles.

Lá estavam disponibilizadas todas as músicas do disco que eles estavam trabalhando na época (Roque Marciano) e logo me encantei com a simpatia dos integrantes e me identifiquei com as letras e mensagem positiva das músicas.

Comecei, então, a me comunicar com eles através de e-mail, comentários nos blogs e fotoblogs, e depois de um ano acompanhando, pude ir ao meu primeiro show.

Nesse dia ficou consolidado meu carinho e respeito pela banda.

A forma receptiva e carinhosa com que fui recebida me encantou e desde então sempre que posso vou aos shows e sigo trocando mensagens com eles, porque acredito na verdade da banda.

Qual a sua música preferida?

São tantas... Cada música do repertório deles me traz um sentimento. Meu cd preferido é o Psicodeliamorsexo&distorção, que tem músicas como Insone e Você me faz tão bem que são umas das minhas preferidas.

Já foi em quantos shows?

Já fui a 10.

Qual foi o teu show preferido?

Em Porto Alegre, em 2006.

As novas batidas polêmi

A “evolução” ou revolução,

Fábio Pelinson e Lucas Michelon

fabiopelinson@hotmail.com, luks2822@hotmail.com

A música gaúcha, que transcende o nativismo e o tradicionalismo, tem suas raízes na escola literária do parnasianismo, devida semelhança quando canta coisas da natureza e do ambiente. Na música tradicional gaúcha, isso se reflete na valorização dos costumes do gaúcho, como o amor pela natureza, pelo cavalo e pela terra onde vive. Na letra, na melodia, na dramatização, os artistas buscam retratar os costumes, as origens e suas paixões.

Desde a sua disseminação, a música gaúcha traz consigo vários adeptos que até hoje mantêm a mesma linha e característica de composição e melodias. Esse é o caso de Luiz Marengo, Pedro Ortaça, Élton Saldanha, Gaúcho da Fronteira entre outros, que até nos dias atuais carregam consigo os resquícios dos primeiros passos da música gaúcha, cantando o amor pelas suas tradições.

Mas a música produzida no Rio Grande do Sul tem passado por algumas modificações nas últimas décadas. Esse estilo de produção acabava se disseminando somente dentro do estado, chegando no máximo a alcançar algumas outras regiões do sul do Brasil. Com objetivo de buscar uma abrangência nacional, alguns grupos musicais inovaram, incrementando a suas músicas novas batidas e ritmos brasileiros, criando assim o “Tchê Music”. Esse novo ritmo ganhou o Brasil, mas abriu espaço para as divergências de opinião entre os músicos gaúchos. Enquanto os nativistas buscam manter as raízes e retratar o campo, os “tchês” buscam modernizá-la.

Com quase 20 anos de carreira, uma discografia de 20 obras, 18 CDs e 2 DVDs, Luiz Marengo, cantor nativista, é uma das referências da música tradicionalista, não só no Rio Grande do Sul, mas em diversos estados do país, assim como no Uruguai e Argentina. Sua história com a música está completamente atrelada a sua vida no campo e aos compositores precursores de tal estilo.

— E eu tenho o Noel Guarany como ponto referencial na nossa música, antes do Noel e depois do Noel. Tudo aquilo que ele cantava, eu vivenciava lá fora, no rincãozinho da Quitéria, distrito de São Jerônimo. Eu fui me aprofundando nisso, querendo aprender, conhecer.

Mesmo cantando as músicas do campo, Luiz Marengo canta para todas as “tribos”, e tem um



Luiz Marengo canta o que sente pela terra onde nasceu

carinho especial pelo público jovem urbano, que mesmo gostando de outros estilos, como ele mesmo diz, “ouvem o Marengo”. Porém, o cantor deixa transparecer certa apatia com a dita “evolução” da música gaúcha para o Tchê music.

— Há músicas, como o tchê music, que tu pode dizer que é de qualquer lugar do planeta, mas daqui não é. É uma mistura de forró com

baião. É uma escolha. Eu fiz a minha, eles fizeram a deles. Me dou bem com todos os guris, do Tchê Garotos, Tchê Barbaridade. Agora, falando musicalmente, eu não escuto, porque eu não consigo escutar os discos deles, como também não sei se eles escutam os meus.

Em meados dos anos 90, um grupo considerado tradicionalista, o Tchê Garotos, surge com

cas da música gaúcha

dos tradicionalistas aos "tchês"



FOTO: FABIO PICCINI

uma nova proposta. Como a própria banda definiu tinham o objetivo de juntar as batidas das músicas gaúchas com compassos dançantes e alegres, com isso mostrarem aos brasileiros um novo ritmo. Sabiam que essa inovação no estado seria um choque para a sociedade, que como eles definem, é muito conservadora. Assim, com o intuito de expandir o trabalho para o resto do

Brasil, nos anos 2000 surge um trabalho no segmento de tchê music, um estilo de vanerão com muita percussão e swing, como comenta Markynhos Ulyan, um dos fundadores do grupo.

— Quando começamos nossa carreira éramos uma banda bem tradicional. A gente foi modernizando e adaptando nossa música para que o público do resto do Brasil pudesse entender. Fomos

mudando as letras e os arranjos, adaptando a ela a pitada de uma batida diferenciada, balanceada. E isso tudo acabou abrindo as portas pro Tchê.

Essa nova roupagem do grupo ganhou o Brasil em termos de sucesso, mas com isso veio a antipatia dos órgãos mais tradicionais do estado. Essas mudanças acarretaram na censura e proibição do Tchê Garotos a tocarem no CTGs (Centro de Tradição Gaúcha), e de usar a pilcha (bota, bombacha e guaiaca), proibições do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), que os acusaram de desvalorizar a tradição do estado.

A discussão que permeia a música gaúcha é longa e se arrasta desde então. Cabe ao público apreciador julgar os prós e contras dessas mudanças. Rodolfo Sgorla da Silva, estudante e músico de final de semana, é rigoroso quanto a essa nova roupagem.

— Eu tenho uma ligação com o campo, a música tradicional canta aquilo que eu sempre vivi. A tchê music não tem essência, não tem personalidade, é uma coisa só voltada para o lucro, por isso não escuto. A identidade se constitui na diferença, e pra mim o tchê music é qualquer coisa, menos música gaúcha.

Tchê Music

Mas as opiniões entre divergem muito. Um fato que vai a favor dos "tchês" é que a maioria das bandas que adotou esse inovador estilo acabou ganhando o cenário nacional. O Professor de Educação Física Ezequiel Piccin, aprova esse avanço.

— Acho que o tempo da música gaúcha passou! A inovação que a tchê music, com sua batida mais swingada, foi o que fez o estilo ganhar proporções a nível nacional. Mesmo ele sendo considerado moderno pelos apreciadores da música gaúcha de raiz, acredito que esta modernidade foi o que fez o estilo ganhar adeptos por todo mundo - conclui Piccin.

O fenômeno que acontece com a música gaúcha é parecido com o que passou o sertanejo. Este estilo, que surgiu no Cetro-Oeste do país, ganhou linhas românticas e hoje é impulsionado pelo chamado Sertanejo Universitário. O que causou certo repúdio por parte dos sertanistas de raiz segue a mesma linha de "indigação" dos tradicionalistas gaúchos. Desse balanço místico, o que fica é a valorização de quem canta o que sente e a sua tradição, mas também a nova tendência da música "moderna", que por fins lucrativos ou não, está nos ouvidos do povo. ■

Amor pela cultura gaúcha

Gaúchos de 20 de setembro ou Gaúchos o ano inteiro? O tradicionalismo, para muitas pessoas, faz parte da vida diária, independente de data ou evento comemorativo

Caroline Scolari e Rossana Enninger

carolinescolari@gmail.com, rozenninger@gmail.com

Setembro é um mês movimentado para os gaúchos. Em setembro, a cultura e a tradição do Rio Grande do Sul são evidenciadas na Semana Farroupilha. Tempo de recordar os feitos dos antepassados, a Revolução e os costumes que são transmitidos de geração em geração.

Como bem diz a 1ª prenda juvenil do CTG Fogo de Chão de Campina das Missões, Laís Cristine Jung, 14 anos, a Semana Farroupilha é a semana mais importante do ano, já que nela se relembra a história do Rio Grande e tudo o que foi feito para tornar o estado o que ele é hoje. “A tradição gaúcha representa um amor incondicional e procuro cultuá-la cada dia, por ter muito orgulho de viver aqui”, finaliza a prenda, que participa da invernada artística do CTG desde os três anos de idade.

Mas é setembro. É hora de tirar a pilcha do armário, lustrar as botas e desfilar no dia do Gaúcho. Esse tipo de gaúcho foi ironizado por João Luiz Corrêa na música “Gaúcho de apartamento”. Na letra, o rapaz anda pilchado, com o mate cevado e dizendo que é campeiro em fandangos e rodeios, mas quando fica sozinho no apartamento, deixa o tradicionalismo de lado, ouve músicas “indecentes” e bebe chocolate quente.

A respeito disso, a pesquisadora e mestrandista em Patrimônio Cultural, Jaqueline Domanski, diz que percebe dois tipos de pessoas: aquelas que só lembram a cultura gaúcha na Semana Farroupilha e datas comemorativas e aquelas pessoas que convivem com a tradição no dia-a-dia, como uma espécie de “religião”.

O resgate da tradição gaúcha aconteceu na década de 1950 pelo conhecido “grupo dos 8” do Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre, liderados por Paixão Côrtes. Diante da modernização da sociedade e surgimento de novos costumes, mudou a forma como era vista a cultura no Rio Grande do Sul. A partir daí, buscou-se retomar aqueles costumes da lida campeira e implantá-los na cidade, impondo para isso normas e regras, que são subordinadas ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG.

Esses costumes são revividos a cada ano em festivais, rodeios e no 20 de setembro, especialmente, para que a tradição possa ser cul-



Eduarda Wagner: a invernada é reviver e cultivar as tradições do Rio Grande do Sul

tuada e passada entre as gerações. Assim aconteceu com a 1ª prenda do CTG Querência da Serra de Seberí, Eduarda Regina Wagner, 20 anos. Ela conta que foi incentivada pelo pai a participar do Movimento Tradicionalista, aos cinco anos de idade. A partir de então, começou a se interessar pelas tradições e pelo estudo da cultura do estado.

“A cultura gaúcha é para mim uma fonte que nunca se esgota, pois ela representa tudo o que

de melhor temos em nosso estado. Eu a cultivo de muitas maneiras, não só indo em bailes ou participando de invernadas, pois como prenda tenho o dever de manter sempre viva nossa cultura. Escolhi ser prenda justamente porque quero perpetuar essa tradição e sei que é através de uma geração para outra que ela sempre se manterá viva. E é por isso que trabalho, que me dedico a minha entidade, para ensinar as crianças e jovens o gosto pela nossa cultura” – des-



Símbolo do Rio Grande do Sul, o chimarrão faz parte do dia-a-dia dos gaúchos, acompanhando-os em todos os lugares



Por meio do instrumento, Rodolfo preserva a tradição gaúcha

taca a 1ª prenda.

Como acrescenta Domanski, os Centros de Tradições Gaúchas são entidades onde é possível agregar e reunir toda a família, ao mesmo tempo, em torno do tradicionalismo. Cada departamento das entidades, como as invernadas campeira, artística ou esportiva, tem características próprias e conseguem atrair pais, filhos, irmãos e avós para esta convivência.

Mesmo assim, há uma hora em que a evolu-

ção das tecnologias e comunicações modifica a rotina e os hábitos, principalmente dos jovens. Aliado ao fato de estudar ou trabalhar em outra cidade, são motivos que contribuem para que muitos jovens saiam dos CTGs e deixem de lado esses costumes que até então preservavam. “O jovem apenas continua vivendo a tradição se a família acompanha e permanece enraizada no CTG”, afirma Domanski.

Rodolfo Sgorla da Silva, 20 anos, é natural da cidade de Esmeralda e estudante de Jornalismo na UFSM, campus de Frederico Westphalen. Na sua cidade natal, a lida campeira faz parte do cotidiano da família no campo, não ficando restrita a programações de entidades tradicionalistas ou Semana Farroupilha. No entanto, por causa da rotina de estudos e da distância, esses costumes não são mais tão presentes no dia-a-dia.

“A tradição pra mim é uma coisa natural e tento englobar ela no meu dia-a-dia. Eu faço porque gosto. Tomar chimarrão, andar de bombacha, de cavalo ou tocar gaita representam essa tradição. A Semana Farroupilha é um momento em que apenas tem uma maior concentração de

“ A tradição é uma coisa ”

natural pra mim e procuro englobar ela no meu dia-a-dia. Faço porque gosto.

Rodolfo da Silva

programações, como bailes e rodeios, em torno disso”, diz o estudante, que toca gaita desde 2004 e vê no instrumento aquele que melhor representa a música gaúcha.

Ouvir música gauchesca, tomar chimarrão, preparar um churrasco ou até mesmo o jeito de falar são maneiras de reviver a tradição todos os dias. Além disso, esses costumes representam a cultura do Rio Grande do Sul e são conhecidos fora do estado.

Domanski afirma que a tradição é uma forma de preservar o passado, por isso é necessário sempre trazer algo de lá para manter os costumes presentes na atualidade.

Na música, por exemplo, tem-se uma representação muito forte dos gaúchos, tanto quanto a bandeira do estado representa o território.

No entanto, preservar hábitos como o chimarrão ou o churrasco não são vistos por Domanski como um resgate da tradição, quando revivido por apenas uma pessoa. O chimarrão é um símbolo representativo do Rio Grande do Sul e da hospitalidade dos gaúchos. Porém, só se torna uma maneira de cultuar a tradição quando há um convívio, uma relação entre mais pessoas que compartilham daquele mesmo sentimento.

Mas tanto para a prenda Eduarda como para o gaitero Rodolfo, esses costumes simples e corriqueiros dos gaúchos são sim marcos da cultura do Rio Grande do Sul. Muitas pessoas não levam a sério as regras e responsabilidades que os CTGs exigem, mas através desses hábitos diários procuram conservar essa tradição.

Ser tradicionalista, na sua essência, é ter consciência diária do papel que desempenha. É conhecer o tradicionalismo e suas raízes, os costumes e a história do Rio Grande do Sul. Respeitar os valores e princípios e acolher mais pessoas em torno desta tradição, repassando-a para as futuras gerações. Mais do que um simples gosto ou interesse, preservar a cultura do estado é algo que exige dedicação, respeito e amor por este chão. ■

CTG Machista? Não Mais!

Uma mulher mostra que CTGs não são mais os mesmos.

Eduarda Wagner
dudarw@hotmail.com

A mulher está no comando não só do país como também do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) Querência da Serra de Seberí. A empresária Dorilda da Silva Rocha, 55 anos, assumiu no começo deste ano a patronagem da entidade. O CTG de Seberí há muitos anos vem cultivando a tradição e mantendo vivos os costumes gaúchos, mas tem uma história longa e machista dentro de sua patronagem, pois, dos seus 62 anos de história e muitas patronagens, somente em 2011 as mulheres assumiram o controle administrativo.

Uma pessoa simples, humilde, com uma falar calmo, é uma das poucas mulheres em todo o estado a se tornarem patroas de um CTG. O número exato não é conhecido, pois, segundo o MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), que é a entidade maior do tradicionalismo, muitos CTG's não repassam as informações de suas patronagens e por isso não se pode ter um número específico de mulheres que um dia foram patroas. A entidade diz que é função das coordenadoras regionais em informar estes dados ao MTG.

Dorilda é quem toma as decisões do Querência da Serra: "eu sei que tenho um importante papel dentro do CTG, pois em todas as decisões sou eu que dou a última palavra e isso afeta toda a família que é o CTG Querência da Serra". Mas Dona Dorilda, como muitos a chamam, não está sozinha, pois nos cargos mais importantes de sua patronagem também assumiram mulheres convidadas por ela. Como é o caso de Catia Pegoraro, que é a vice patroa e, junto com Dorilda, administra o CTG.

Dorilda conta que a ideia de se tornar a primeira patroa partiu de dentro da Invernada Artística Xirúia do CTG, onde ela dança com seu marido Rui desde que surgiu o grupo. E era sempre ela que tomava as decisões para a Invernada e todos concordaram que ela seria uma boa patroa. Explica que tudo que é assunto a ser discutido referente à entidade parte da Invernada Xirúia, pois são os mais velhos e praticamente todos estão na patronagem junto com ela ou em outros anos foram patrões ou membros de patronagens.

Um detalhe interessante é que, no estatuto do MTG, em nenhum lugar consta a palavra "patroa". Então, todas as mulheres que assumiram e assu-



Patroa Dorilda, acompanhada de Rui, seu marido e ex-patrão

mirão patronagens deveriam ser chamadas de "patrão", mas, esta é uma regra que não se segue ao pé da letra. Preconceito é uma coisa que não se tem, ela diz, mas confirma que há muitas pessoas que veem com estranheza o fato de se ter uma mulher no centro de um dos lugares que é conhecido por ser machista, e este conceito é algo que vem desde a criação dos primeiros CTG's, onde só homens foram os fundadores e somente eles participavam das reuniões e tomavam todas as decisões. Mas ela diz que não está tendo dificuldades em administrar este local tão machista, pois todos, homens e mulheres, colaboram para o bem da entidade.

Alguns realmente estranham o fato de se ter uma mulher. É o caso de Márcio

Santos, 36 anos, que diz achar que as mulheres devem ter seu espaço, mas, acredita que em alguns casos é realmente estranho ver uma mulher "tomando as rédeas". E esta é uma opinião de muitos, não só de Márcio. Apesar de acharem diferente, ninguém do CTG foi contra.

Um patrão ou patroa tem o dever de administrar o seu CTG, mas, acima de tudo, deve sempre tentar manter as tradições e isso não se resume a apenas à parte financeira ou à organização de bailes, jantãs, reuniões. A Primeira Prenda do Rio Grande do Sul, Joelma Pauline, 22 anos, argumenta que o CTG é um local de respeito e de se repassar os costumes. Ela diz que a função de um patrão não é só administrar, mas, é mostrar que um CTG não é só local de bailes e sim,

onde se ensina o que é união, respeito. "É um local onde se precisa saber ouvir e não se ter preconceitos", diz a prenda. "Também é um local onde se aprende danças tradicionais e a histórias do RS". Joelma acredita que um CTG bem estruturado ajuda a sociedade a educar suas crianças e jovens.

A patroa Dorilda diz que adora ver as crianças dentro do CTG: "enquanto existirem pessoas que gostam da nossa cultura, nunca se terminará as tradições. Por isso, cuido e gosto muito das crianças dentro do CTG porque serão elas que um dia estarão assumindo tudo quando nós não pudermos mais". Ela também diz que nunca deixará de ajudar sua entidade, mesmo não sendo mais patroa ou da patronagem, pois ama muito tudo o que faz em prol da cultura do Rio Grande e quer que os costumes que ela repassa nunca se percam. ■

“Sou eu que dou a última palavra e isso afeta toda a família que é o CTG Querência da Serra.

Dorilda

Fôlego para 5 casamentos

Aos 86 anos, Irma Fritz está casada pela quinta vez com Enio, 40 anos mais jovem.

Tiago O. Spezzatto

tiagospezzatto@gmail.com

Irma Fritz é uma mulher de modos simples, que gosta de conversar e aproveitar a vida. Há 78 anos, quando chegou a Mondaí, com os pais e três irmãos, pouco havia na futura cidade. Juntos construíram uma barraca que servia de abrigo para toda família, para depois se dedicarem à agricultura. Aos 23 anos, Irma saiu da casa dos pais para se casar pela primeira vez. O casamento rendeu três filhos, onze netos e onze bisnetos. Mas era apenas o primeiro de cinco.

Trabalho pesado e bom humor

Irma fala português com alguma dificuldade, prefere dialetos da Alemanha, terra de sua mãe. Seu pai, apesar de ter nascido no Brasil, conhecia e falava o mesmo idioma da mãe. Então, em sua casa, raramente se falava português. E até hoje é assim.

Desde muito cedo Irma teve de colaborar com os pais no trabalho do campo. Irmã mais velha, precisou ajudar a manter a ordem da casa e a cuidar os irmãos, que não eram poucos: nove.

Ela precisou trabalhar pesado para sobreviver na região. Quando sua família chegou a Mondaí, as condições eram bem diferentes das de hoje, ela se lembra bem: "Não tinha uma casa de comércio, nada. Era só mato", comenta.

O bom humor é um companheiro inseparável de dona Irma, que sempre gostou de ir às festas, beber cerveja e dançar. Seu marido, Enio, garante: "Nos sábados, ela aguenta até madrugada nos bailes. No domingo, está pronta para mais festa, e é o que fazemos".

Ela aproveita a boa saúde e diz sempre ter se alimentado da forma que preferiu, sem restrições médicas. "Quanto mais gorda for a carne, melhor", comenta Irma.

A boa saúde é normal na família: seus pais viveram 89 anos. Irma diz que já brincou com os médicos, dizendo que a única doença que tem é que, ao dormir, quando fecha um olho, o outro se fecha também. E ela é boa de sono: "Às vezes, chego a dormir por mais de doze horas consecutivas, e sempre dormi bem", pondera.

Ao longo da vida, Irma trabalhou como agricultora, e algumas vezes também desempenhou essa atividade em paralelo com comércios na área rural do município.

Até aí, tudo se encaixa perfeitamente na história de vida de uma típica colonizadora.



FOTO TIAGO SPEZZATTO

Lembranças de outros relacionamentos são muito presentes na vida do novo casal



FOTO TIAGO SPEZZATTO

Enio, 46 anos

Ela casou-se pela primeira vez aos 23 anos com Alfredo Alberto Fritz. Com ele teve três filhos: Nelson, Elza e Ilvo, falecido há sete anos. Ficaram casados por 32 anos, quando da morte de Alfredo. Até hoje Irma usa o sobrenome Fritz.

Depois, ficou sozinha por 14 anos, cuidando de sua propriedade no interior do município. Até que, no grupo de idosos, conheceu Erwin, que seria seu segundo companheiro: "Ficamos juntos por quatro anos e 44 dias", lembra em detalhes.

Ela se recorda e tem fotos de muitos momentos com ele. Porém, o relacionamento terminou de forma trágica, como o primeiro.

Depois que Erwin faleceu, Irma ficou sozinha por mais um ano. Então, uma amiga lhe indicou um tio do Paraná, com quem acreditava que ela pudesse namorar. Ele era Benno. Que veio do Paraná e comprovou que a amiga tinha razão: os dois ficaram juntos por mais de nove anos. Mas

Os casamentos

Para quem acha que casar várias vezes é privilégio de artista, dona Irma rebate: "Sempre morei no interior e casei cinco vezes", diz a senhora com bom humor.

Benno também faleceu.

Mais uma vez Irma ficou sozinha por um ano, até conhecer Antonio Moraes. Ele veio de Caxias do Sul. Era o começo de uma relação que duraria mais de três anos. Assim como Benno e Erwin, ele era mais jovem que Irma. O destino, contudo, lhe reserva outras semelhanças a Benno e Erwin: depois de casado com Irma, faleceria. Assim, dando fim ao quarto casamento dela.

A morte Antonio, em fevereiro deste ano, não desanimou dona Irma. Que não ficaria sozinha por muito tempo. Ela diz que não consegue viver assim: "Desaprendi a viver sozinha", explica.

Desde maio ela está com Enio, que é 40 anos mais jovem. Ela conta que conhece toda sua família, e o conhece desde pequeno. Enio está separado há pouco mais de um ano e tem três filhos que o visitam com frequência. Irma não vê problemas nisso. E ele também não se importa com os outros casamentos dela.

Ao contrário, contam histórias sobre as outras relações e, em sua casa, guardam fotos dos ex-cônjuges.

Quando perguntada sobre o que seus filhos acham dos seus casamentos, ela responde com o bom humor de sempre: "Eles não devem achar nada. Sempre que eu faço um negócio, está feito. Se eles falarem qualquer coisa, entram para o laço", afirma com muitos risos. ■

Os desafios da agricultura

A família Göcks trabalha com produção leiteira e é um exemplo de

Aliete do Prado e Lidia Trentin

alieteprado@hotmail.com, ly_lidia@hotmail.com

Atualmente, a agricultura familiar representa 27% do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul e as cadeias produtivas vinculadas ao campo representam metade do PIB do Estado. No Brasil, essa participação é calculada em 31%.

No Censo Agropecuário de 2006 foram identificados 4.367.902 estabelecimentos de agricultura familiar. Eles representavam 84,4% do total, mas ocupavam apenas 24,3% (ou 80,25 milhões de hectares) da área dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Já os estabelecimentos não familiares representavam 15,6% do total e ocupavam 75,7% da sua área.

Dos 80,25 milhões de hectares da agricultura familiar, 45% eram destinados a pastagens, 28% a florestas e 22% a lavouras. Ainda assim,

a agricultura familiar mostrou seu peso na cesta básica do brasileiro, pois era responsável por 87% da produção nacional de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 21% do trigo e, na pecuária, 58% do leite, 59% do plantel de suínos, 50% das aves e 30% dos bovinos.

O processo de modernização da agricultura na década de 50 e 60 é uma modernização excludente, pois muitos agricultores não conseguiram acompanhar. Sobrou mão de obra, e muitos acabaram partindo para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Outros financiaram esta modernização e acabaram com endividamentos.

Adilson Martins, 36, é professor e fez uma especialização em Estudos Latino Americanos. A monografia de conclusão de curso foi intitulada "Impactos do Modo de Produção Capitalista na Vida Camponesa". A partir deste estudo so-

bre uma comunidade do interior do município de Seberi, Martins concluiu que a introdução do modo de produção capitalista nas pequenas propriedades rurais levou à descaracterização desta e ao êxodo rural.

Martins ressalta que a organização é o caminho para os pequenos produtores rurais.

Um exemplo de agricultura familiar se observa na propriedade de Semildo Göcks, 64, no interior do município de Tenente Portela. Nos 15 hectares e meio de terra, produzem mandioca e batata para o próprio consumo, milho e soja que são comercializados e principalmente leite, que é vendido para uma empresa de Ijuí.

A esposa de Semildo, agricultora Terezinha Maria Göcks, 58, conta que eles sempre moraram no interior e que há 38 anos moram juntos na atual propriedade, dividindo as tarefas de ordenhar as vacas, alimentar os animais e cultivar a terra.



Semildo e Terezinha Göcks ordenham 13 vacas, duas vezes por dia, de manhã e à tarde

familiar

núcleo produtivo.

Na propriedade só reside o casal. Suas duas filhas moram em outras cidades, uma em Garibaldi e outra em Vista Gaúcha. Ambas vivem no meio urbano. Esta última costuma visitar semanalmente os pais, ajudando no trabalho rural.

Quanto ao desafio da agricultura familiar atualmente, o engenheiro agrônomo Adriano Lago, 34, revela: "o maior desafio da agricultura familiar hoje é geração de renda". Hoje há um fenômeno de masculinização e envelhecimento do meio rural, ou seja, são mais frequentes homens e idosos aposentados. Isto gera a falta de sucessão na propriedade. Lago coloca também que a agricultura familiar tem função "econômica e social". Mas que precisa de uma organização produtiva. A organização é caminho, mas também um desafio.

O modo de produção e a modernização levaram ao individualismo na propriedade, mas na agricultura familiar isso não é possível.

A lei número 11.326, de 24 de julho de 2006, estabelece os conceitos, princípios e instrumentos destinados à formulação das políticas públicas direcionadas à Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. ■



Na propriedade, o casal cria seis terneiros e quatro porcos para o consumo da família

“ O maior desafio da agricultura familiar hoje é geração de renda. ”

Adriano Lago



FOTOS LUDIA TRENTIN



FOTOS LUDIA TRENTIN

As vacas produzem cerca de 100 litros de leite por dia, que são entregues para uma empresa em Ijuí

Eder Calegari

Um técnico em enfermagem que, com a necessidade de contar histórias e registrar momentos, descobriu no jornalismo uma forma de ajudar o próximo.

Diesmen Luís e Máira Cardoso

diesmenluis@hotmail.com, maireetti@hotmail.com

Nascido numa família simples de agricultores, no interior do pequeno município de Ibirapuitã, na região norte do Rio Grande do Sul, Eder Calegari desde sempre soube que sua vida profissional estaria ligada a ajudar o próximo de alguma forma. Primeiramente, viu na enfermagem a possibilidade de se fazer presente na vida das pessoas. Trabalhou como técnico em enfermagem durante sete anos, mas, já naquela época, com o primeiro salário, comprou uma câmera compacta VHS. A partir daí, começou a perceber que nos simples registros de imagens, poderia contar histórias e ajudar mais pessoas do que como enfermeiro.

Antes de entrar no ramo da comunicação, passou pelo dilema de escolher entre continuar na enfermagem, buscando se aperfeiçoar com um curso superior, ou tentar uma carreira na área da comunicação. Foi aí que seu desejo de contar histórias falou mais alto, e decidiu fazer um curso de audiovisual. A formação jornalística surgiu pela necessidade do diploma para que pudesse exercer o jorna-

“ Eu estava em Soledade ”

fazendo uma matéria sobre a fraude dos semáforos, quando a minha chefe ligou de Passo Fundo e disse: ‘Eder, vem agora me encontrar! Tu quer ir para Frederico?’

Eder Calegari

lismo de fato e poder contar histórias.

Sua carreira como jornalista começou na TV Pampa de Passo Fundo, como estagiário. Após, foi designado a Ijuí para ser repórter nessa mesma emissora. Porém, devido a cortes na empresa, voltou para Passo Fundo onde iniciou uma nova fase na sua carreira, trabalhando na área de impresso, no jornal O Nacional. Nesse meio tempo, começou a trabalhar na RBS TV como produtor. Na parte da manhã produzia para a TV, e à tarde escrevia no jornal.

Quando surgiu o convite para tra-

balhar como freelancer, ainda na RBS TV, diz ter ficado receoso por trocar dois empregos estáveis por um trabalho que não lhe desse garantias. Mas, resolveu aceitar o desafio. Trabalhou um ano como freelancer, quando, então, teve a surpresa de ser chamado para trabalhar como repórter na cidade de Frederico Westphalen.

Uma nova etapa.

Eder conta que os primeiros dias em Frederico Westphalen foram difíceis, tanto na parte pessoal, pois não conhecia ninguém na cidade, quanto na parte profissional, por se tratar de um forasteiro recém chegado num lugar que, até então, não tinha cobertura televisiva dos fatos. “No começo era muito engraçado, eu pedia para as pessoas um depoimento, umas achavam que era para jornal impresso ou para rádios locais, e outras ficavam envergonhadas e até mesmo com medo de se comprometer de alguma forma”, diz o repórter.

Hoje, passado o estranhamento, percebe que as pessoas estão mais acostumadas com a presença de um repórter de televisão. “Agora é mais fácil. Hoje, tanto na cidade, como no interior e nas demais cidades da região, sinto que adquiri a confiança das pessoas, sou reconhecido, tenho mais facilidade em conseguir entrevistas, o que colabora muito na produção das matérias. Fui verdadeiramente acolhido”, comenta Eder Calegari, que, por muitas vezes, fica constrangido quando é chamado para cobrir algum evento que,

Eder durante entrevista no escritório da RBS TV, em Frederico Westphalen



FOTO: DIESMEN LUIS



"Repórter abelha" em ação

na realidade, não tem cunho jornalístico ou não tem relevância para a região de cobertura.

Por ser um vídeo-repórter, Eder conta que deixa de cobrir alguns acontecimentos por falta de tempo e equipe. Seu trabalho como repórter em Frederico, faz com que ele tenha que, além de entrevistar, filmar, produzir, editar e também produzir conteúdos para outras mídias, como o jornal Zero Hora e Clic RBS.

Meio Mundo: Você se auto-intitula "repórter abelha"?

Eder Calegari: Na verdade, eu nem conhecia esse termo. Fui conhecer em uma palestra que dei na UFSM, pois, na UPF e na RBS essa função é conhecida como repórter multimídia. Então, me considero um repórter multimídia.

Meio Mundo: Como é ter a função de repórter abelha, ou multimídia, tendo que cobrir vários acontecimentos, em diferentes cidades?

Eder Calegari: Eu vim para cá sabendo que eu teria que acumular várias funções e atender as outras mídias, além do telejornal. Não sabia se ia dar certo porque é muita coisa pra uma pessoa só. Apesar de ser um dificultoso, acho resultado está sendo positivo e satisfatório.

Meio Mundo: E qual é o lado positivo e o lado negativo de se trabalhar com uma equipe tão reduzida?

Eder Calegari: O lado positivo é que eu já saio para cobrir o fato sabendo as imagens que eu quero, as pessoas que devo entrevistar, o tipo de abordagem, sem perder tempo. A matéria sai do início ao fim como eu planejei, sem surpresas.

As dificuldades são mais técnicas, pois preciso agir como motorista, câmera, repórter, produtor e editor ao mesmo tempo. Uma das maiores dificuldades é a falta de um câmera, pois, além de entrevistar, tenho que colocar a câmera em um ângulo que favoreça a matéria, nessa parte, perco na questão dos enquadramentos, pois não posso ousar.

Meio Mundo: Sente uma maior cobrança por ser um jornalista que agrega várias funções?

Eder Calegari: Sim. Às vezes, quando estou cobrindo uma pauta, o telefone toca no meio da entrevista com um novo fato para cobrir e eu não posso sair do local. Sinto que falta compreensão de que estou sozinho cobrindo uma região inteira.

Meio Mundo: Acha que a prática do jornalismo-abelha é prejudicial para o ofício do jornalismo?

Eder Calegari: Não. Acho que essa prática é bem vinda, porque só existe em lugares afastados dos grandes centros, onde não se tem condições de abrir uma emissora com uma grande equipe. Então essa seria a solução para que essas regiões mais remotas sejam notícia nas grandes mídias.

Meio Mundo: Em algum momento você se arrependeu de ter trocado a enfermagem pelo jornalismo?

Eder Calegari: Olha, quando eu ainda estava cursando a faculdade de jornalismo, refleti se era isso mesmo o que eu queria. Hoje me considero realizado profissionalmente e tenho a certeza de que escolhi a profissão certa. ■

Curiosidades

- Ele filma, entrevista, conta a história, edita e apresenta a reportagem que fez. Suas matérias são diferentes das que estamos acostumados a ver na tela, com repórter, produtor, editor, cinegrafista e iluminador. Discorremos a respeito do "repórter abelha", ou videorepórter, que surgiu no Brasil no final de 1987.
- Nesta proposta revolucionária, o videorepórter dirige todo o trabalho e produz a matéria como autor. Suas imagens são mais dinâmicas que as tradicionais, pois estão sempre em movimento.
- O videorepórter transmite muito mais empatia com o público porque estabelece uma relação de cumplicidade com o telespectador. Talvez isso ocorra por causa da conversa durante a matéria e o uso de uma linguagem coloquial.
- Na videoreportagem, o trabalho é mais ágil, uma vez que o próprio repórter se desloca em seu veículo.
- O videorepórter também se envolve nas histórias, tornando-se testemunha e às vezes personagem dos acontecimentos. Isto faz com que haja uma sobrecarga de emoções, já que o repórter narra os fatos como estão acontecendo na sua visão.
- São comuns o panorâmico tremido e o rosto deformado na imagem. Mas isto não tira a credibilidade da matéria. O trabalho do videorepórter utiliza a imagem de uma forma diferente de um repórter comum. Ele ganhou força com as novas tecnologias digitais e câmeras de vídeo mais compactas.
- A tecnologia e a integração das mídias digitais - televisão, rádio, internet, jornal - trouxeram agilidade para o videorepórter e ofereceram uma alternativa para canais comunitários, emissoras de TV pequenas e sindicatos. Sua imagem tem mais vida e pode ser "manipulada" de acordo com seu ponto de vista.
- É necessário um bom treinamento para que o profissional aprenda a coordenar a entrevista com o microfone, equilibrar a câmera no ombro e procurar a melhor imagem do entrevistado. A videoreportagem também não descarta a pauta e a supervisão da chefia de reportagem.

“Abandonei meu jeito de



Fala: diversão para uns, sofrimento para outros.

Falar, para muitas pessoas, tornou-se um problema frequente.

Chayenne Elis Cardoso e Fabiana Pelinson

chayennecardoso@gmail.com,
fabianapelinson@gmail.com

Ela rege nossa vida, se faz presente em todas as atividades do nosso cotidiano e representa um conjunto estruturado das nossas vivências. A língua, falada ou escrita, é de suma importância à vida humana, mas também gera muita polêmica.

A última aconteceu em maio deste ano, quando o Ministério da Educação (MEC) distribuiu para as escolas públicas de todo o país o manual de Língua Portuguesa “Por uma vida melhor”. O material didático provocou divergências de opiniões por levar aos estudantes a concep-

ção de que a língua é uma variante e pode infringir a gramática. O livro tem por objetivo mostrar aos estudantes que existem diversos tipos de falantes e que a pronúncia e as expressões usadas por eles não são erradas, existem fatores externos que devem ser levados em consideração. Para os linguistas, a iniciativa do MEC atua de forma determinante na diminuição de atitudes preconceituosas linguisticamente.

O professor Elias José Mengarda, Doutor em Linguística, esclarece como ocorre o preconceito linguístico.

— O preconceito se manifesta quando a língua do outro é desvalorizada, ridicularizada, menosprezada. É necessário convencer-se de que, linguisticamente, a língua é definida como um “conjunto de variações”.

Além disso, Elias se posiciona a favor da iniciativa do Ministério da Educação, concordando com o que declarou a Associação Brasileira de

Linguística (ABRALIN).

— Em meio a toda a polêmica que o livro causou, a Associação Brasileira de Linguística manifestou-se a favor do manual. A associação defende a ideia de ensinar aos jovens a Linguística é uma ciência que se preocupa em descrever cientificamente os fatos da língua, e não descrever normas/regras. Os linguistas entendem o papel da escola como maneira de garantir o domínio da norma culta, mas não se deve negar o estudo da linguística. Esta como qualquer outra ciência, não trabalha com a dicotomia certo/errado, mas sim estuda as situações reais de fala — concluiu o linguista.

O Brasil é considerado um país plurilíngue: além do português, nosso território possui aproximadamente 180 dialetos. Toda essa variedade linguística acabou gerando polêmica entre dois estudiosos da língua: o gramático e o linguista.

falar para não sofrer”

O gramático admite só uma forma de língua “correta”, que é aquela que obedece as regras da Língua Portuguesa. Essa doutrina conservadora do gramático desprestigia e tenta eliminar essas variações linguísticas.

Já o linguista considera a língua um fenômeno dinâmico e que muda com o tempo. Para ele não existe o “certo” e o “errado”, a gramaticalidade explica a ocorrência.

É justamente essa visão dos gramáticos que gera o que chamamos de preconceito linguístico. O preconceito linguístico é uma forma de preconceito a determinadas variedades da língua.

Apesar do livro “Por uma vida melhor” ser uma maneira de enfraquecer esse preconceito e romper os laços do conservadorismo dos gramáticos, o que muitos linguistas acreditam ser perpetuador dessa visão é o ensino puramente gramatical das escolas.

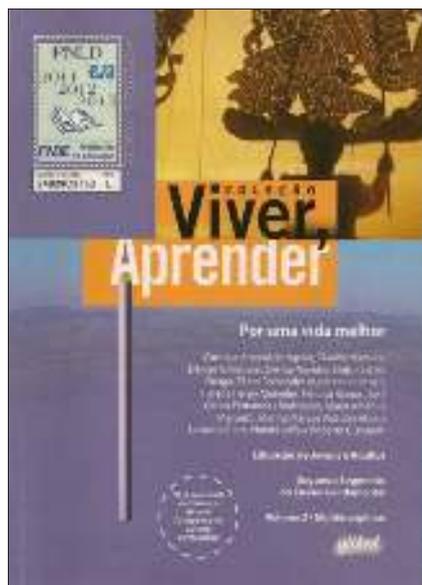
Esse preconceito sustenta-se por meio dos veículos de comunicação e dos métodos didáticos das instituições de ensino. A desigualdade linguística vem se fazendo presente em nossa sociedade há muitos anos. Aceitando somente a língua padrão e tentando eliminar os demais dialetos, a escola tem contribuído de maneira decisiva para a construção do preconceito. As instituições de ensino não reconhecem a existência de outras normas linguísticas e seus docentes ignoram as mudanças e evoluções da língua, oprimindo as outras variações usadas pelos estudantes.

Esse preconceito ocorre não só por parte dos professores, mas também por parte dos outros alunos.

O preconceito ocorre principalmente devido às mudanças de localidade e a falta de escolaridade de algumas pessoas. Os opressores atuam tirando sarro do falante, rejeitando-o, isolando-o e muitas vezes usando de força física.

Foi o que aconteceu com Matheus Mendonça de 18 anos, no ano passado. Matheus saiu de Uberlândia, interior do estado de Minas Gerais e passou a residir em Frederico Westphalen, norte do Rio Grande do Sul. Como as duas localidades possuem dialetos e sotaques bem diferentes, Matheus foi vítima constante do preconceito linguístico.

— Quando eu cheguei no Rio Grande do Sul as pessoas estranhavam algumas expressões como “uai”, “bão” e essas coisas. Também faziam piada ou não compreendiam a pronúncia de algumas palavras, principalmente pela pronúncia do “r” e a mudança do “e” em “i”. Acabei ten-



Novo livro didático causa polêmica.

O que diz o MEC: fala é identidade

“Uma forma de preconceito particularmente sutil é a que se volta contra a identidade linguística do indivíduo e que, mesmo sendo combatido, no Brasil, por estudiosos da sociolinguística continua a ser relevado pela sociedade em geral, inclusive na escola.

O reconhecimento da variação linguística é condição necessária para que os professores compreendam o seu papel de formar cidadãos capazes de usar a língua com flexibilidade, de acordo com as exigências da vida e da sociedade. Isso só pode ser feito mediante a explicitação da realidade na sala de aula.”

do que me adaptar para não ser motivo de piada e para que as pessoas entendessem o que eu estava dizendo.

O preconceito atua de forma agressiva, humilhando o falante e desprestigiando sua forma de falar. Luciano Valério Júnior, 21 anos, afirma que essa atitude era frequente no Colégio Estadual Caetano Munhoz da Rocha, em Mafra, Santa Catarina.

— Na escola que eu estudava sempre exis-

tiram pessoas de baixa renda que utilizavam uma linguagem mais simples, diferente da norma padrão. Assim, vários colegas humilhavam eles e, até indiretamente, faziam correções. Percebi que muitos colegas participativos se tornaram quietos.

As consequências que essa discriminação pode causar são muitas e em longo prazo. Além do isolamento, o falante pode apresentar baixa auto-estima, medo, ansiedade e por vezes, queda no rendimento escolar, caso o ato de preconceito seja exercido em uma instituição de ensino. A principal consequência desse tipo de discriminação é o abandono do dialeto e do sotaque por parte do falante.

Para evitar chacotas e até outro tipo de violência, a vítima acaba por se adequar ao dialeto e/ou ao sotaque da região, eliminando ou enfraquecendo sua cultura regional. Matheus Bonamigo, de 13 anos, também enfrentou esse tipo de situação após se mudar de Chapecó, Santa Catarina, para Campinas, São Paulo. Matheus relata: “me sentia muito mal, não tive mais vontade de ir para a escola e deixei de conversar com os colegas. Era uma tortura ir para a aula, pois sabia que ia ser motivo de piada. Pensei até em trocar de escola e conversando com minha mãe comecei a ir ao psicólogo para superar esse medo”.

Em vez de tentar compreender os motivos pelos quais ocorre essa variação linguística, a maioria das pessoas trata os falantes com inferioridade e exige que eles se adequem ao dialeto da região ou a norma padrão. “Abandonei meu jeito de falar para não sofrer. Isso também acontecia por parte de alguns professores, que não compreendiam algumas expressões usadas e que não procuravam conhecer o que significavam, só pediam para que eu me expressasse de forma mais clara”, conclui o estudante.

Eliminar ou enfraquecer o preconceito linguístico requer uma série de ações contínuas que precisam ser trabalhadas principalmente na orientação tradicional da escola e no ensino da escrita.

Os preconceitos impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. A par de toda a evolução social que as sociedades humanas atingiram, é inadmissível que essas atitudes preconceituosas continuem sobrevivendo nas pessoas que usam a língua para difundir a intolerância. ■

Conhecimento sem fronteira

Cada vez mais presente no meio acadêmico, o intercâmbio estudantil é um diferencial.

Vanessa Müller Haas

vane.haas@gmail.com

Estar numa outra cultura, conhecê-la e entendê-la, sem ter sua família ou seus amigos por perto, se adaptar a novos padrões e costumes, aprender a “se virar” sozinho e, principalmente, ser vítima de preconceito enquanto não aprender a ser parte dessa outra cultura. Essas e muitas outras situações são enfrentadas por aqueles que se aventuram pelo mundo e participam de intercâmbio.

As instituições de ensino possuem um papel importante na conscientização do aluno de que é importante a participação em programas de intercâmbio. Essa conscientização é importante inclusive para a universidade, pois estes programas formam profissionais com conhecimento de novas culturas e, que possuem mentalidade mais aberta.

Nesse sentido, a estudante do curso de Farmácia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, Cristine Scheuer, 21, realizou, de fevereiro a março de 2010, intercâmbio pela Universidade do Porto – UP, na cidade de Porto, em Portugal.

— Esse intercâmbio foi um diferencial na minha formação acadêmica, pois aprendi os procedimentos usados nas diversas áreas da farmácia por parte de uma instituição europeia. Além disso, aumentei o meu conhecimento histórico-cultural, pois havia boas condições de transporte econômico para viajar pelos diversos países europeus. Dessa forma pude expandir o meu conhecimento sobre esse novo mundo, tradições e culturas. Ainda, o intercâmbio abriu portas para que eu pudesse fazer estágios e pesquisas que antes eu não conseguia.

— Portugal é um país fascinante, onde encontramos uma mistura do antigo e histórico com o moderno e atual, onde cada rua, cada esquina possui um monumento, escultura, construção, para observar e registrar em nossas fotografias.

Mas apesar de todos os benefícios de um estudo no exterior existem diversos desafios.

— O mais difícil para mim foi a falta de conhecimento da língua inglesa, a saudade da família, o preconceito por parte de algumas pessoas mal instruídas sobre a mulher brasileira e sua fama de prostituta, morar e dividir quarto, casa e rotina com pessoas de diferentes personalidades, de forma que há conflitos de interesses.

— Mas, apesar das dificuldades, foi muito



Instituto de Ciência e Tecnologia de Gwangju, destino de do estudante Taimur Kuntz.

Curiosidades

- Em Portugal, encontra-se uma mistura do antigo e histórico com o moderno e atual, onde quase cada rua, cada esquina possui um monumento, escultura ou construção.
- Existe muito preconceito por parte de alguns portugueses mal instruídos sobre a mulher brasileira e sua fama de prostituta.
- Uma das coisas mais diferenciadas na Coreia é o cardápio.
- No país coreano come-se desde insetos, cachorros e até polvo vivo, que pode tentar sair pelo nariz do degustador.

proveitoso esse intercâmbio, e eu aconselho para todos, pois, em Portugal, existe a facilidade da língua e o custo de vida é mais barato. Além disso, sinto-me hoje uma pessoa mais culta e sensata. Entendo melhor a história e o motivo de vários acontecimentos.

Passei por situações constrangedoras por causa dos costumes diferentes, mas foi tudo ótimo pro meu crescimento pessoal, coloca a estudante.

Até pouco tempo atrás, o intercâmbio era elitista e parecia inacessível ao estudante sem grandes posses. Hoje, porém, as grandes transformações do mercado de educação internacio-

nal tornaram possível adquirir experiência intercultural, por meio da introdução de programas como os estágios e o trabalho remunerado e as bolsas estudantis.

É o caso do graduado em engenharia elétrica e computação pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Taimur Gibrán Rabuske Kuntz, o qual foi bolsista e pesquisador do GIST (Gwangju Institute of Science and Technology), localizado na cidade de Gwangju, sudoeste da Coreia do Sul, no período de agosto a dezembro de 2009.

Para Taimur, uma das coisas mais diferenciadas na Coreia é o cardápio. “Come-se desde insetos até cachorros. Eu tentei provar de tudo e, só não consegui experimentar carne de cachorro porque tenho muito apego pelos caninos. Mas uma experiência legal foi ter comido polvo vivo”.

Frisando a importância de fazer um intercâmbio, de conhecer outros lugares, outras culturas, ampliar os horizontes, Taimur cita Amir Klynk, o famoso viajante marítimo, do seu livro “Mar sem fim: 360 graus ao redor da Antártica”.

— “Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver”. ■

Anônimos que garantem uma viagem segura

O controle de tráfego aéreo brasileiro depende de vários profissionais que passam despercebidos por quem não conhece a rotina de um aeroporto

Natalia Nissen

nissen.natalia@gmail.com

O tráfego aéreo brasileiro depende de vários profissionais, entre eles está o controlador de tráfego aéreo – ou controlador de voo – que é responsável pela organização do espaço aéreo, ou seja, ordenar as aeronaves de forma segura e rápida. Ao contrário do que a maioria das pessoas acredita, para o trabalho deste profissional ser realizado é necessário a cooperação entre outras especialidades, como meteorologistas, especialistas de informações aeronáuticas e operadores de estação rádio. Cada profissional envolvido no controle do tráfego aéreo tem uma função específica, e eventualmente, as pessoas associam todas as tarefas ao controlador de voo.

O controlador de tráfego aéreo Silvio Luis da Silva Silvello, 45 anos, é Controlador de Tráfego Aéreo há 7 anos e trabalhou no Controle de Aproximação - a área terminal corresponde a 27 milhas náuticas, aproximadamente 48Km de raio - e Torre de Controle - organiza o espaço aéreo de um determinado aeroporto com contato visual - em Ilhéus (Bahia), Ribeirão Preto (São Paulo) e Navegantes (Santa Catarina). Atualmente exerce sua profissão na Navegação Aérea da Regional Sul da Infraero, em Porto Alegre.

Qualquer pessoa interessada pode participar do concurso público para Profissional de Tráfego Aéreo (Infraero) ou para Sargento da Aeronáutica. Entretanto, muitos candidatos são reprovados nos testes que exigem rígidas características de personalidade e comportamento, além de conhecimentos de língua inglesa. O curso de formação da Infraero acontece em São José dos Campos, no Instituto de Controle do Espaço Aéreo – ICEA, já os controladores militares são formados em Guaratinguetá na Escola de Especialistas da Aeronáutica – EEAR, no estado de São Paulo.



FOTO DE NATALIA NISSEN

A Regional Sul, em Porto Alegre, coordena a navegação aérea de alguns aeroportos da região Sul.

“ As informações da área são restritas e o controle da Aeronáutica reforça a impressão de ‘caixa-preta’.

Silvio Silvello

Aqueles que não conhecem a rotina da profissão, geralmente, associam todas as tarefas de controle da navegação aérea a um mesmo profissional. É normal que as pessoas perguntem ao controlador sobre acidentes aéreos famosos, e ainda, acabem sugerindo que um profissional da categoria tenha sido o culpado de determinada fatalidade. O que acontece é que o controlador é o único profissional que faz contato com o piloto durante todas as fases de voo (decolagem, voo em rota, aproximação e pouso) e tem

várias aeronaves sob sua responsabilidade, sendo assim, está mais sujeito a erros. No entanto, a responsabilidade pode ser atribuída ao especialista em informação aeronáutica se houver erro no preenchimento do plano de voo, ou ao meteorologista se for comprovado que ele passou informações meteorológicas incorretas. No caso de um acidente todos os processos são analisados até ser encontrado o responsável e este responderá judicialmente por seu erro.

Com, no mínimo, 45 minutos de antecedência da decolagem o piloto deve apresentar o plano de voo ao especialista em informações aeronáuticas, este plano é um formulário que contém informações sobre a aeronave, o local de partida e o destino da viagem, rotas, velocidades, altitudes, e outras informações básicas para um voo seguro. Os dados deste documento são enviados a um Centro de Controle de Área (ACC) e a torre de controle do aeroporto de decolagem recebe um código referente a este plano de voo. O piloto da aeronave entra em contato com a torre de controle e solicita a autorização para acionar motores e taxi até a pista de decolagem, caso o ACC já tenha enviado o código Transponder. ■

De que lado

Em Frederico Westphalen, as barreiras sociais e urbanísticas criaram uma linha divisória entre a cidade e os bairros periféricos

Marciane Hences

marcihences@hotmail.com

Frederico Westphalen é uma cidade gaúcha que possui 28.403 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Município se destaca por ser um pólo regional em diversas áreas. O comércio representa o maior percentual de seu PIB, com diversas indústrias de metalúrgica e fábricas de rações. Além disso, possui um dos maiores abatedouros de suínos do estado, além do forte potencial agroindustrial.

Entretanto, do outro lado da BR 386, que cruza a cidade, a Princesa do Médio Alto Uruguai possui um outro lado, que não é tao rico e desenvolvido. De um lado da rodovia ficam situados os bairros mais nobres, e do outro, localiza-se a periferia. Dessa forma, se criou uma barreira que não é apenas urbanística, mas também social.

No entanto, conforme o Prefeito José Alberto Panosso, a atual organização urbana foi determinada por uma questão de logística. "As pessoas foram chegando e se instalando próximas à rodovia. Diversos projetos habitacionais já foram realizados. Muitas famílias foram transferidas para outros bairros. Nesses locais, os imóveis são mais baratos, o que facilita a aquisição dos mesmos pela prefeitura", explica Panosso.

O Bairro Viaduto

Em torno de 30 famílias vivem no Bairro Viaduto, ocupando de forma irregular áreas de propriedade do Poder Público Municipal. As moradias estão localizadas em áreas de risco - na encosta de um morro - e segundo estudos do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), esses terrenos estão propensos a deslizamentos, devido à alta declividade, em períodos de chuva. Nesses locais, não é permitida a construção e permanência de casas. Visando mudar essa realidade, a Administração Pública do Município, através da Secretaria de Habitação e Assistência Social, está desenvolvendo um projeto habitacional que preten-



O bairro Viaduto possui em torno de 30 famílias que vivem na encosta de um morro.



Zoraide Santos vive numa casa de tres cômodos, com o marido, dois filhos e um neto.

de transferir as famílias irregulares para o bairro Distrito Industrial.

Terezinha Teixeira, 72 anos, aposentada, reside há 30 anos no bairro e veio do campo na década de 80. O processo de industrialização que iniciou no século 20, ao mesmo tempo em que modernizou a agricultura, causou um intenso êxodo rural. Não conseguindo mais sobreviver

no campo, essas pessoas migraram para as cidades. Porém, sem possuir meios para se manter e não conhecendo outro ofício que não aquele que conheciam na roça, acabam indo para as periferias. Terezinha reclama do esgoto a céu aberto que passa ao lado da sua casa. A Prefeitura já foi notificada, mas até agora, nada foi feito. No verão, o mau cheiro se intensifica, além

você samba?



FOTOS MARCANE HENES

O desenvolvimento econômico do centro da cidade aumenta a disparidade com a periferia.

da disseminação de mosquitos.

O Preconceito

Wilson Ferigollo acredita que não existe preconceito com relação às pessoas que vivem em bairros como Viaduto, Vila Verde, São José, entre outros. “Muitos moradores da periferia trabalham em indústrias, como a Mabella, e em setores da construção civil”, explica Ferigollo. Entretanto, nem sempre a exclusão social é percebida pela população. Às vezes, a violência sofrida não é física, mas simbólica. Uma das formas de expressão da violência simbólica é quando acreditamos que os mesmos estão nessas condições por vontade própria. A violência simbólica é tão destrutiva quanto à violência física, ou até pior, pois se torna aceitável, já que os danos são menos perceptíveis.

Entender que muitos não escolheram aquelas condições de vida e são vítimas de um sistema cíclico que não permite que os mesmos tenham acesso à educação e ao trabalho é o primeiro passo para diminuir essas barreiras. Por outro lado, esse fator cria nos próprios moradores das periferias um auto preconceito que os torna isolados e os faz crer que não são desejados em espaços dentro da cidade.

Já Helenice Dallanora, professora do Curso de Serviço Social da Universidade Regional Inte-

grada (URI) de Frederico Westphalen e integrante do Conselho de Assistência Social, acredita que não existe uma divisão socioeconômica, mas sim, cultural. Um exemplo disso é a resistência que os moradores do centro da cidade demonstraram quando souberam que o prédio do CRAS viria para o centro da cidade. De acordo com Helenice, muito desse imaginário é criado pela mídia, que só mostra o lado negativo dos bairros pobres. Os moradores são retratados por atos como roubo, prostituição e tráfico de drogas. Difícilmente é mostrado algo que os valorize. “No entanto, o que a sociedade precisa entender é que ninguém é pobre porque gosta. Ninguém passa fome porque gosta”, afirma Helenice.

Muitos habitantes da periferia trabalham e estudam no centro da cidade, inclusive no Ensino Superior. Portanto, os frederiquenses precisam aprender a conviver com diferentes culturas, línguas e valores. Além disso, as autoridades devem promover políticas públicas de melhoria das suas condições de vida. O preconceito diante das pessoas que vivem na periferia demonstra o quanto a cidade precisa se conscientizar para mudar essa realidade. Por outro lado, os moradores da periferia precisam conhecer seus direitos e fazer uso deles. Não através de políticas assistenciais, mas sim, através do exercício da cidadania. ■

Entrevista

Roberto Torres Júnior, Presidente da CUFA/FW

Meio Mundo - Como funciona o trabalho da CUFA com jovens e adolescentes da periferia de Frederico Westphalen? Quando surgiu?

CUFA - A Central Única das Favelas (CUFA) é uma Organização Não Governamental (ONG) que tem abrangência Mundial. Em Frederico Westphalen, a CUFA surgiu em 2009. Inicialmente, o projeto atendia apenas aos jovens e adolescentes frederiquenses. Posteriormente, passou a incluir os municípios de Iraí e Rodeio Bonito. Mensalmente, cerca de mil jovens são atendidos pela CUFA nesses três Municípios. A CUFA tem como objetivo dar visibilidade aos jovens carentes que eram “invisíveis” na sociedade, oportunizando o acesso ao esporte, cultura, lazer, diversão e arte. Dessa forma, dar um sentido as suas vidas, fazendo com que se sintam valorizados e incluídos na comunidade. Aumentando a autoestima desses jovens, a própria família e suas comunidades acabam sendo beneficiadas.

MM - Existe uma barreira cultural/geográfica entre os bairros localizados acima do asfalto e àqueles do outro lado do asfalto?

CUFA - Com relação à discrepância entre os bairros da cidade, acredito que existe uma barreira cultural e que sempre vai existir entre centro e o “outro lado do asfalto”. Existem famílias que realmente são isoladas da sociedade, que passam dificuldades, que não possuem um trabalho e nem condições mínimas para viver com dignidade. No entanto, as diferenças hoje são menores, em virtude da expansão da cidade. Hoje, alguns desses bairros são autossustentáveis, como é o caso do Bairro Primavera, que tem lojas, mercados, escolas, farmácias e pessoas com alto poder aquisitivo residindo lá. Somado a isso, nos últimos anos, muitos projetos de inclusão social foram criados contribuindo para uma melhoria socioeconômica dos moradores desses bairros. Inclusive o preconceito diminuiu. A CUFA tem contribuído muito nesse sentido, trazendo esses jovens para o centro da cidade. Com certeza ainda falta muito para ser o ideal e hoje, nosso trabalho é formar pontes entre esses abismos.

Senhor dos Anéis, a saga que atravessa gerações

O número de fãs é cada vez maior, a identificação com a história ultrapassa gerações

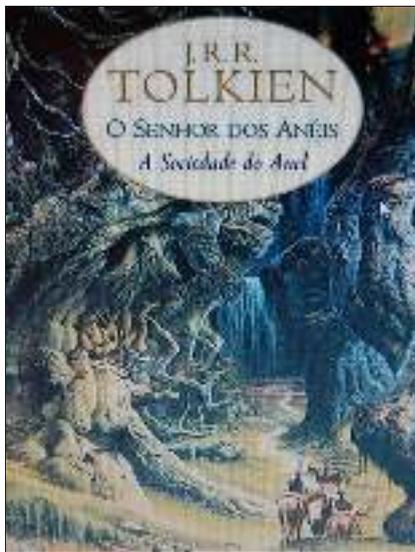
Mayara Bonn e Renata Camargo

mayara_bonn@hotmail.com,
renata.camargo@yahoo.com.br

Chamar ficção de irreal pode ser uma ofensa aos fãs. O mundo imaginário criado para satisfazer os anseios humanamente impossíveis, encanta leitores há muito tempo. Criar um mundo onde se pode voar, onde os seres têm super poderes, onde a magia é a arma mais forte, lutar contra o mal, é a maneira de fugir do real e completar o que falta no mundo em que se vive. Para o jovem escritor Augusto Gunner, “tudo o que o homem inventou existe sim, a magia não é invenção de ninguém, a magia permite que a imaginação tome o espaço que é da vida chata e real da rotina. Quando você se permite mergulhar no mundo da fantasia, você deixa de ser um ser qualquer, você se torna especial por algum tempo”.

J. R. R. Tolkien conseguiu criar muito bem esse imaginário que envolve leitores até hoje. A obra *O Senhor dos Anéis*, escrita entre 1937 e 1949, boa parte no período da II guerra mundial, é a mais fantástica e mais respeitada obra de ficção a ser criada até hoje. “O Tolkien conseguiu criar uma história onde tudo é possível, onde a magia parece parte da nossa rotina e a gente se vê dentro dessa trama e com esses poderes a história envolve qualquer pessoa que conheça a Terra Média. Sem dúvidas *O Senhor dos Anéis* é a mais fascinante história inventada pelo homem”. É com esse encantamento que a estudante de psicologia Liana Mello vê a saga.

A história foi originalmente criada para ser um volume único, porém se transformou em tri-



Capa do primeiro livro do Senhor dos Anéis

logia, e assim se tornou a saga mais popular do século XX.

Os livros contam a história da Terra Média, habitada por vários seres fantásticos, incluindo elfos e anões, magos e dragões, trolls e orcs, hobbits e muitas outras criaturas e raças mágicas e míticas, seres que encantam dos mais velhos aos mais novos.

Os Filmes

Em 1999, o diretor Peter Jackson resolveu adaptar *O Senhor dos Anéis* para o cinema. A trilogia foi filmada simultaneamente, e está entre os recordes de bilheteria, além de ter acumulado dezessete prêmios Oscar. Os dois primeiros filmes de “*O Senhor dos Anéis*” ganha-

ram Oscar apenas nas chamadas categorias técnicas. “*A Sociedade do Anel*” recebeu 13 indicações e levou quatro prêmios (trilha sonora, maquiagem, edição e efeitos visuais). “*As Duas Torres*” foi indicado a seis Oscar e ganhou dois (edição de som e efeitos visuais). Com o desempenho de “*O Retorno do Rei*”, a trilogia baseada na obra de J.R.R. Tolkien detém 17 Oscar, um feito comparável aos US\$ 2,8 bilhões de bilheteria arrecadados pelos três filmes até agora. É o maior “espetáculo cinematográfico” já produzido.

O livro foi adaptado para o rádio três vezes. Em 1955 e em 1956, a BBC passou *O Senhor dos Anéis*, uma adaptação em doze partes da história para o rádio, da qual nenhuma gravação sobrou. Em 1979, uma dramatização da história foi transmitida nos Estados Unidos e depois colocadas em fita e CD. Em 1981, a BBC transmitiu uma nova dramatização em 26 partes de meia hora.

O Jogo

Os primeiros jogos de interpretação de personagens RGP surgidos entre as décadas de 70 e 80 tiveram grande inspiração no ambiente medieval-fantástico de *O Senhor dos Anéis*.

Esses primeiros jogos inspiraram outros mais modernos e foi logo o tempo em que RPG ficou diretamente ligado a um cenário de fantasia medieval. Apesar de toda a difusão do RPG e da variada gama de assuntos abordados por seus jogos, ainda hoje um dos mais populares jogos de RPG do mundo é primariamente ambientado em um cenário que em muitos aspectos lembra a terra criada por Tolkien. ■

Curiosidades

Os atores que interpretaram os hobbits (simpáticas criaturas de baixa estatura e pés peludos) usaram cerca de 1.600 pares de próteses de pés.

Para criar a Vila dos Hobbits, foram plantados 5 mil metros cúbicos de plantas em uma fazenda um ano antes do início das

filmagens.

A preparação inclui ainda estudo de línguas fictícias criadas por Tolkien para 30 dos atores.

Antes de se tornar atração no cinema *O Senhor dos Anéis* já era um sucesso editorial. Ultrapassado em vendas somente pela Bíblia no Reino Unido, a publicação foi eleita pelo site Amazon.com como “livro do milênio”.

A trilogia já ultrapassou marca de 100 milhões de cópias vendidas em todo o mundo.

Na Internet, *O Senhor dos Anéis A Sociedade do Anel* também tem quebrado sucessivos recordes. Logo nas primeiras 24 horas após o lançamento do primeiro trailer, foram feitos 1,7 milhão de downloads, 700 mil a mais do que o recordista anterior (*Guerra nas Estrelas Episódio I*).



FOTO DE MAYARA BONN

Os novos fenômenos

A obra Harry Potter de J.K. Rowling e Game of Thrones de George R. R. Martin

Nem só crianças gostam de Harry Potter

Mayara Bonn e Renata Camargo

mayara_bonn@hotmail.com,
renata.camargo@yahoo.com.br

Harry Potter iniciou de forma despreziosa durante uma viagem de trem da autora J. K. Rowling, entre as cidades Manchester e Londres no ano de 1990. A história de um menino de óculos e cabelos pretos, que não sabia que era bruxo começou a ser escrita durante as quatro horas de viagem da autora.

O manuscrito de Harry Potter e a Pedra Filosofal foi rejeitado por 8 editoras, até que a editora Bloomsbury aceitou publicá-lo em 1997. Inicialmente, foi direcionada para crianças entre 9 e 11 anos, mas J. K. sempre declarou que não tinha como alvo nenhuma faixa etária em particular quando começou a escrever sua história.

Após quase uma década da publicação do primeiro livro, Harry Potter alcançou muito sucesso em parte por causa de críticas positivas, mas também pela propaganda boca-a-boca entre muitos leitores. As editoras de Rowling estiveram aptas a aumentar este fervor pelo lançamento rápido e sucessivo dos três primeiros livros, o que fez com que nem a excitação nem o interesse da audiência de Rowling caíssem. A série também conquistou fãs adultos, fazendo com que, em muitos países, cada livro tivesse duas edições, assim como os áudio-books, com texto ou áudio idênticos, mas com capas dife-

rentes, uma delas direcionada a crianças e a outra, a adultos.

Para a estudante de jornalismo Chayenne Cardoso, "os livros da série Harry Potter foram fundamentais na minha vida, pois eu tinha grande dificuldade com português e com as leituras fui superando minha dislexia. E hoje amo ler, amo o português e escolhi como futura profissão jornalismo".

O mundo da ficção encanta não só crianças, mas também adultos e, se antes as grandes histórias eram Senhor dos Anéis e Star Wars, hoje Harry Potter aponta como um grande sucesso, pois o mundo da ficção encanta as pessoas pois nele podemos "ser o que você não pode ser. Entramos no mundo da leitura e realmente mergulhamos nas histórias, assim nos identificando com os personagens e sofrendo junto deles". Chayenne Cardoso.

Os Filmes

A obra de J.K. Rowling foi transformada em 8 filmes, sendo que o último livro foi dividido em duas partes.

Os jogos

Os livros de Harry Potter originaram 5 video games, além de aplicativos para iPods.

Conheça Game of Thrones

O série de livros As Crônicas do Gelo e do Fogo do norte-americano George R. R. Martin teve seu primeiro volume lançado em 1991. Desde então, a série épica tem ganhado força e conquistado fãs em todo o mundo. O que seria uma

trilogia, passou para cinco livros com mais dois confirmados, dentre estes, três traduzidos para português.

No início deste ano, a série literária passou para a TV (HBO) no formato de seriado com 10 episódios. O seriado Game of Thrones conseguiu sintetizar muito bem o livro de Martin, principalmente no ponto chave que da narrativa, que são os vários pontos de vista que expostos na trama. O seriado também conseguiu amenizar um problema nítido na literatura de Martin, a descrição do continente fictício em que se passa a trama, Westeros.

A universo fictício sofreu inspiração das sociedades feudais da Europa medieval, e conta com várias pitadas de magia e mitologias que tornam a história mais interessante. Westeros tem sete reinos, que obedecem a coroa de King's Landing, que é um antro de intrigas e traições por poder. Ao extremo norte de Westeros encontra-se a muralha que é protegida pela Night's Watch, que tem o dever de impedir tudo que tentar passar a muralha, inclusive os White Walkers, um povo primitivo com poderes sobrenaturais. O continente fictício não tem estações do ano regulares, o último verão dura nove anos e o inverno está chegando.

O sexto e sétimo livros da série ainda não tem data marcada para estréia, a segunda temporada de Game of Thrones está sendo gravada e deve estreiar entre março e maio de 2012. O seriado pretende englobar um livro por temporada. Os fãs aguardam ansiosos o desenrolar da trama que não era tão bem aceita pelo público desde que Bilbo Bolseiro encontrou o anel. ■

Curiosidades

J. K. Rowling foi a primeira pessoa a tornar-se bilionária apenas com a venda de livros e direitos autorais sobre o uso de imagem de seus personagens, ela arrecadou mais de 1 bilhão de dólares.

É a segunda personalidade feminina mais

rica do mundo, atrás apenas da apresentadora norte-americana Oprah Winfrey.

J. K. Rowling foi eleita pela Enciclopédia Britânica uma das 300 mulheres que mudaram o mundo.

Uma pesquisa realizada nos EUA confirmou que 51% das crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos não tinham o hábito de ler por diversão antes do lançamento dos dois

primeiros livros do bruxinho.

Os filmes de Harry Potter são a franquia cinematográfica de maior lucro da história do cinema, deixando para trás séries consagradas como O Senhor dos Anéis, Star Wars, Indiana Jones, entre outras.

Mais de 60 mil crianças fizeram teste para o papel de Harry Potter antes de Daniel Radcliffe ser escolhido.

Cheios de Graça

Uma pitada de bom humor, uma de dom, uma de vontade e outra de amor pela arte.

Marcielle Martins

marcijornalista@hotmail.com

Dentre outras opções profissionais, uma tem um brilho mais reluzente e os indícios de um dom: a de ser artista!

Desbravar cidades com culturas diferentes parece uma tarefa simples e até pode ser... Mas não quando se decide viver e entrar de cabeça no mundo da arte independente.

Se alguns pensam que é impossível viver pelo amor, aqui se encontra a prova real disso.

O palco do uruguaio Andres Rivero pode ser debaixo de algum semáforo, no canteiro de uma avenida movimentada ou onde sentir vontade de parar e mostrar seus dotes.

Seus instrumentos de trabalho são uma corda para fazer equilíbriomo e bolinhas para fazer os malabarismos. Seu público transita... Transita por onde ele estiver.

Nas costas, o moço sorridente carrega uma mochila com muita história para contar e um violão, onde nas horas vagas, faz um som para desopilar. "Não nasci com dom para cantar, faço um som pra curar meu estresse. Aqui do Brasil, eu curto muito Mamonas Assassinas e Cazuzza, canto todos os dias a canção 'O tempo não pará', essa música é como se fosse um hino para mim", diz Andres.

Cada apresentação dura o tempo em que os carros param no semáforo. Quando ele passa o chapéu, alguns dão um dinheiro, outros acenam ou dão um sorriso renovador.

E assim segue o dia do artista... Para ele, todo o dia é dia de trabalho, não importa se é domingo ou mesmo se está chovendo, embora a tristeza pareça tomar conta do sorriso largo do uruguaio quando conta que domingo é o dia mais triste, porque é quando bate a saudade da família da cultura e das coisas que por lá deixou.

O amor pela arte de viajar e fazer arte na rua começou aos 20 anos, quando Andres desistiu de cursar Serviço Social na cidade onde nasceu, Montevideu, Uruguai. Ao longo desses 13 anos de trabalho, percorreu Chile, Bolívia, Paraguai, Argentina e veio parar no Brasil, completando um ano que está na cidade de Passo Fundo.

Mas a vida de artista não é feita só de aplausos, não. "Aqui no Rio Grande do Sul, as pessoas têm muito preconceito, algumas pessoas acham que o artista rua trabalha para comprar drogas, mas não, eu trabalho para pagar R\$ 524,00 de aluguel por



Andres ganha a vida fazendo malabarismo e equilíbriomo na corda bamba



Amy Winehouse na arte de Eliane Giollo

mês, mandar dinheiro para minha filha e comer".

Inquieto e feliz com tantas perguntas, o artista de despede e continua sua trajetória de risos e malabarismos.

Aquarelas

Eliane Giollo parece fazer o lápis aquarelável deslizar sem esforço no papel quando desenha caricaturas, dona de um carisma invejável conta com orgulho que é de origem italiana e que nasceu na cidade de Vila Maria, RS. Formou-se em artes plásticas no ano de 1998 pela Universidade de Passo Fundo. Logo após, trabalhou em um shopping da

cidade de Passo Fundo. Por causa da família, foi parar em São Paulo, logo conseguiu se entrosar com o mundo da arte. Foi quando apareceu uma oportunidade que faria com que ficasse conhecida como caricaturista. Na época, estava estreado a peça "Os monólogos da vagina", dirigida e adaptada por Miguel Falabella. As atrizes da peça Fafi Siqueira, Vera Setta e Tânia Alves pediram para que a artista fizesse uma caricatura e entregasse a elas. Eliane fez e entregou. Hoje, guarda o trabalho em sua sala.

Para completar o reconhecimento, Eliane conta: "A cidade de São Paulo estava completando 450 anos e uma das pessoas que estava fazendo homenagem ao estado era o caricaturista Paulo Caruso. Pedi para que me apresentassem a ele. Foi quando Caruso ficou curioso pelo meu trabalho. Então deixei com ele uma caricatura do Pelé para ele avaliar. Esperei um tempo, ele avaliou e me escreveu uma carta, foi a partir daquilo que me senti consagrada".

Depois disso, fez outros trabalhos em São Paulo. Voltou para o Rio Grande do Sul e hoje trabalha na sala do mesmo shopping que trabalhou no começo de sua carreira.

Entre caricaturas de famosos, como Paulo Coelho, Beatles, Michael Jackson, Amy Winehouse, Cazuzza, Bon Jovi, Renato Russo e outras, tem uma que ela sente muito orgulho por sua origem: é a de Laura Pausini. A artista conta emocionada que seu sonho é entregar a caricatura para a cantora italiana. ■



Público presente no filme Adeus, Lênin!

O Cinear-te está de volta

Filmes com nova temática são exibidos no segundo semestre de 2011

Martha Steffens

martixsteffens@msn.com

No segundo semestre desse ano, 29 de agosto, em Frederico Westphalen – RS, após a pausa de um semestre, iniciou-se mais um ciclo do Cinear-te. As exibições deste ciclo serão *Crash – No Limite* (29/08), *Os Sonhadores* (12/09), *Adeus, Lênin!* (26/09), *Assassinos por Natureza* (10/10), *1984* (24/10), *Fahrenheit 451* (07/11) e *Quanto Vale ou é Por Quilo?* (21/11). O formato desse ano modificou-se em relação ao ano passado. No último ciclo, os filmes haviam sido escolhidos em forma de ciclos temáticos de acordo com a nacionalidade e todas as obras eram exibidas em uma semana, com um filme para cada dia. Como muitas pessoas não conseguiam ir todos os dias e gostariam de ver todos os filmes do ciclo, esse ano resolveu-se mudar o formato e fazer as exibições dos filmes a cada quinze dias, exibindo-os nas segundas-feiras. O que de fato, fez crescer o público presente nas sessões.

O projeto surgiu em Junho de 2010, com uma proposta de projeto de extensão, sendo uma parceria da UFSM/Cesnors, URI e CAFW, e consiste em exibir filmes no auditório da URI para a sociedade frederiquense. Os coordenadores e fundadores do Cinear-te são os professores dessas

“O debate que acontece após a exibição do filme é justamente para isso, para que possamos dialogar e debater sobre eles.”

Alisson Machado

três instituições, Cássio dos Santos Tomaim (UFSM/Cesnors), Leonardo Rocha Botega (CAFW) e Ricardo André Ferreira Martins (URI/FW), assim como alunos de Jornalismo e mestrado de Letras, que atuam como colaboradores.

Segundo Leonardo Botega, “o objetivo do projeto não é apenas buscar o lazer e o conhecimento cinematográfico, mas também buscar a discussão desses filmes”. Por isso, os filmes escolhidos não são os do cinema convencional e sim filmes com uma temática cinematográfica diferente, como temas sociais e históricos. Eles são escolhidos em consenso nas reuniões dos coordenadores com os colaboradores. Os filmes desse ciclo têm temática social. Um exemplo é

o filme *Crash*, que mostra o choque de culturas nos EUA e demonstra o retrato de uma sociedade marcada pelo preconceito. O ciclo será fechado com *Quanto Vale ou é Por Quilo?*, a ser exibido em 21/11, um dia após o dia da consciência negra, já que a obra tem como temática a abolição da escravatura.

No fim de cada sessão, algum aluno colaborador faz a explicação e contextualização rápida do filme e assim gera uma discussão entre todos, inclusive a plateia que permanece após a exibição, mais como um bate papo informal, não como um evento acadêmico.

Um dos alunos colaboradores do Cinear-te, Alisson Machado, 22, estudante de Jornalismo da UFSM/Cesnors, se interessou pelo projeto por ser também um espaço de diálogo e de troca de percepções a respeito dos filmes. Segundo ele, “o debate que acontece após a exibição do filme é justamente para isso, para que possamos dialogar e debater sobre eles”. Para participar do Cinear-te, Alisson conversou com um dos professores organizadores e começou a participar das reuniões para decidir os temas dos ciclos, ajudando também na escolha dos filmes. A estudante Manoella Fiebig, que costuma prestigiar o Cinear-te, diz: “este projeto é importante para incentivar a cultura na cidade”. ■

Beleza ou imposição? Eis a questão!



FOTO FERNANDA PUHL

A "beleza" começa com uma alimentação saudável, independente do seu peso se alimentar bem é importante

Aila Wayhs Ferrari e Fernanda Puhl

aila.ferrari@hotmail.com &
fernanda_puhl@hotmail.com

Na era da informação, das extravagâncias e dos padrões perfeitos, estar fora de forma é uma grande preocupação – especialmente para as mulheres. Cada vez mais, busca-se, de todas as formas, atingir o peso ideal e o corpo escultural. Mas muitas vezes o que não é observado é o limite para chegar aonde se quer, esquecendo a saúde do corpo.

A determinação de padrões criados pela Indústria Cultural estrutura estereótipos que são implantados nas cabeças humanas e determinam que os desiguais devem se assemelhar. O convencional é aceito com facilidade, mas

quem não se enquadra no perfil, sofre com as consequências disso. A questão da fixação pela perda de peso e pela magreza, é um exemplo claro de como as influências ditadas exercem poder sobre as pessoas.

Henrique Dalla Costa, 20 anos, técnico em meio ambiente, afirma: “em função da mídia, o padrão de beleza que se criou não é compatível com a genética do nosso corpo, pois cada região brasileira tem características físicas diferentes devido às descendências. Em cima desse padrão há muito comércio, muitas vezes as pessoas nem se gostam, não se sentem bem, por que se sentem excluídas”.

Elisiane Alba, 20 anos, estudante, conta que desde sua adolescência vem lutando consigo mesma e até contra suas próprias vontades pa-

ra se enquadrar no padrão corporal dito perfeito. “Lembro que eu era muito magra lá pelos meus 15 anos, mas quando começava o programa “Domingão do Faustão” eu ia na frente da televisão e via as dançarinas magrelas, com o corpo perfeito, e achava que eu era muito diferente delas, que sempre algo sobrava em mim, me achava gorda”.

Os pais da estudante não concordavam com suas idéias de se auto-criticar e impor os seus próprios limites para chegar à tão sonhada “ditadura feminina da beleza”, mas a influência massiva falava mais alto ao seu pensamento. As dietas eram baseadas basicamente em sucos e frutas; o pão e as carnes foram cortados das refeições. Todo dia, quando Elisiane saía de casa para sua rotina diária, passava por uma

farmácia, a fim de averiguar se o seu peso havia se modificado. Elisiane nunca procurou ajuda especializada, apenas dos amigos, que às vezes a deixavam mais triste. Agora que ela está mais ocupada com os estudos, diz que se preocupa menos com sua aparência, mas até hoje mantém



“ Eu via as dançarinas magrelas do Faustão e me achava gorda. Elisiane Alba

uma dieta rica em vitaminas e conta os pontos (calorias contidas em relação à quantidade que se pode comer diariamente) dos alimentos.

A farmacêutica M. C., 29, fala que existe uma cultura de se pesar e querer emagrecer, e que a mulher sempre deseja ter 2 kg a menos. “Mas existe uma diferença entre beleza e saúde: o ideal é que se procure um médico, uma nutricionista e se faça uma academia, não apenas se recorra a chás e cremes, como algumas pessoas fazem”, comenta.

O que é preocupante nestas situações, é a questão: como fica a saúde de alguém que esquece a boa alimentação em troca do peso ideal? Juntamente com isso, podem vir doenças como anorexia, que é caracterizada como uma disfunção ou transtorno alimentar que envolve componentes psicológicos, fisiológicos e sociais. Também, a bulimia é outra consequência, onde o indivíduo induz o vômito ou a evacuação após comer, para evitar o aumento de peso. Ambas as doenças, no caso principalmente de jovens, estão ligadas a problemas de auto-imagem, dificuldade de ser aceito por determinado grupo ou de lidar com sua sexualidade.

Psicólogos afirmam que a pressão cultural por manter-se magro, seja apenas para atender a um padrão estético, ou pela exigência de cer-

tas profissões (moda, esportes), aliada à presença de uma baixa auto-estima, tornam o indivíduo mais propenso a desenvolver um quadro de anorexia ou bulimia.

Entre todos os indivíduos humanos, existe uma preocupação com a aparência, assim como uma preocupação com os alimentos em geral, o que, de certa forma, é normal. Mas, como destaca a Nutricionista Luciana Inês Decarli: “isto se torna um problema quando a preocupação passa a ser exagerada, muitas vezes torna-se uma obsessão em diminuir o peso, o que pode evoluir para algum tipo de transtorno alimentar: disfunção de imagem corporal, anorexia ou bulimia”.

Mas ainda, apesar desta procura incessante pela “beleza”, um levantamento divulgado no mês de abril deste ano, pelo Ministério da Saúde, mostra que quase metade – 48,1% – da população brasileira adulta está acima do peso adequado, e que 15% dos brasileiros são obesos. Também, a pesquisa da Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico, de Vigitel Brasil, em 2010, revelou que mais da metade – 51,1% – dos homens está acima do peso.

Rodrigo Soares, 23, radialista e atendente de loja, assume sua preocupação com o peso:



“ Sou gordinho, mas sou gente fina... uou, um beijo do gordo! Rodrigo Soares

“me preocupo, mas por uma questão de saúde, tanto que estou no momento fazendo uma dieta, acompanhada por uma nutricionista”.

Luciana ainda destaca: “Emagrecer com saúde é o mesmo que se gostar, pois o indivíduo terá atitudes corretas. O que é preciso é ter uma relação boa com o alimento, nada de exageros, como medo de comer porque irá engordar. O alimento existe para esta finalidade, é o nosso combustível para nos manter vivos, só vai depender da quantidade a ser consumida”. Assim, se você se aceitar como é, terá o reconhecimento por parte dos demais, que também o aceitarão.

Rodrigo ainda coloca que, se não tivesse problemas de saúde devido ao seu peso, não se preocuparia em fazer dieta, pois se sente muito bem com sua aparência e não está preocupado com padrões de beleza, e ainda, que não gostaria de ser bem magro. O radialista e atendente de loja – que tem um metro e setenta e oito centímetros, e pesa cento e quinze quilos –, com

entusiasmo, ainda completa: “tenho olhos azuis, às vezes verdes... sou gordinho, mas sou gente fina... “uou”, um beijo do gordo”.

Beleza é algo relativo, é singular. De nada adianta estar dentro do padrão e não ser saudável. A felicidade de cada indivíduo independe de magreza,

gordura, altura, cor de pele, sexo, classe social... o que realmente importa é se sentir bem em relação a si mesmo, seja inserido no “imposto” padrão universal ou no seu próprio estilo de pensamento. ■

Você precisa saber...

Não faça uma alimentação baseada em um único tipo de alimento ou nutriente.

Se tiver vontade de comer um doce, coma-o. Mas lembre-se: somente um pedaço ou unidade. Isso é melhor do que devorar uma caixa de bambam no final do dia.





João Marcelo Faxina e Luiz Fernando Barp
joaomarceloff@hotmail.com e lf.barp@hotmail.com

A ideia surgiu de Yolanda Domínguez, artista espanhola que desenvolve projetos sobre assuntos de gênero que questionam a posição da mulher no mundo atual. Yolanda trabalha com o que é inquietante e com situações perturbadoras aos espectadores e, através de estratégias de ironia e descontextualização, incita-os a participar e a interferir em sua proposta.

Suas intervenções críticas são bastante conhecidas, e o vídeo "Poses" já possui quase meio milhão de visualizações no Youtube. Nele, Yolanda dá uma agulhada nas poses patéticas das modelos em editoriais de moda: seleciona pessoas reais, nas ruas de Madrid, e sugere que imitem a pose das modelos nas fotografias de revistas. O resultado é tragicômico: as modelos se submetem a poses bizarras e absurdas para serem fotografadas pelas lentes de fotógrafos renomados.

Meio Mundo entrou na onda e repetiu a provocação com seis mulheres normais nas ruas de Frederico Westphalen.



“ O padrão de beleza dos dias de hoje é algo surreal, só quem vive de moda se sujeita a enquadrar-se nele. Claro, quem não gostaria de ser magra e linda como uma modelo? Mas creio que a busca pela beleza não pode ultrapassar certos limites, senão vira algo doentio ”

Bruna Molena, 20 anos, estudante



JOAO MARCELO FAXINA

“ Vejo o trabalho dessas meninas ”
 como "cruel", pois além do corpo moldado conforme a exigência das agências de moda, fazendo com que pareçam uns "esqueletos ambulantes", ainda precisam estar dispostas à toda e qualquer "pose" para vender o produto que mostram

Aglaé Panosso, 53 anos, assistente social



“ Hoje em dia o padrão de beleza é de gurias magérrimas, e isso acaba influenciando-as para conseguir ser ou ter algo ”

Caroline Scolari, 22 anos, estudante



Para assistir ao vídeo 'Poses', de Yolanda Domínguez, acesse:
www.youtube.com/watch?v=GPEcdcmnAAO



JOAO MARCELO FAXINA



“ Acredito que cada pessoa deva usar a moda da forma que se sinta mais confortável, adaptá-las ao seu estilo, pois não há como negar que sofremos influência dela no nosso modo de vestir.

Josefina Toniolo, 19 anos, estudante

LUIZ FERNANDO BARP



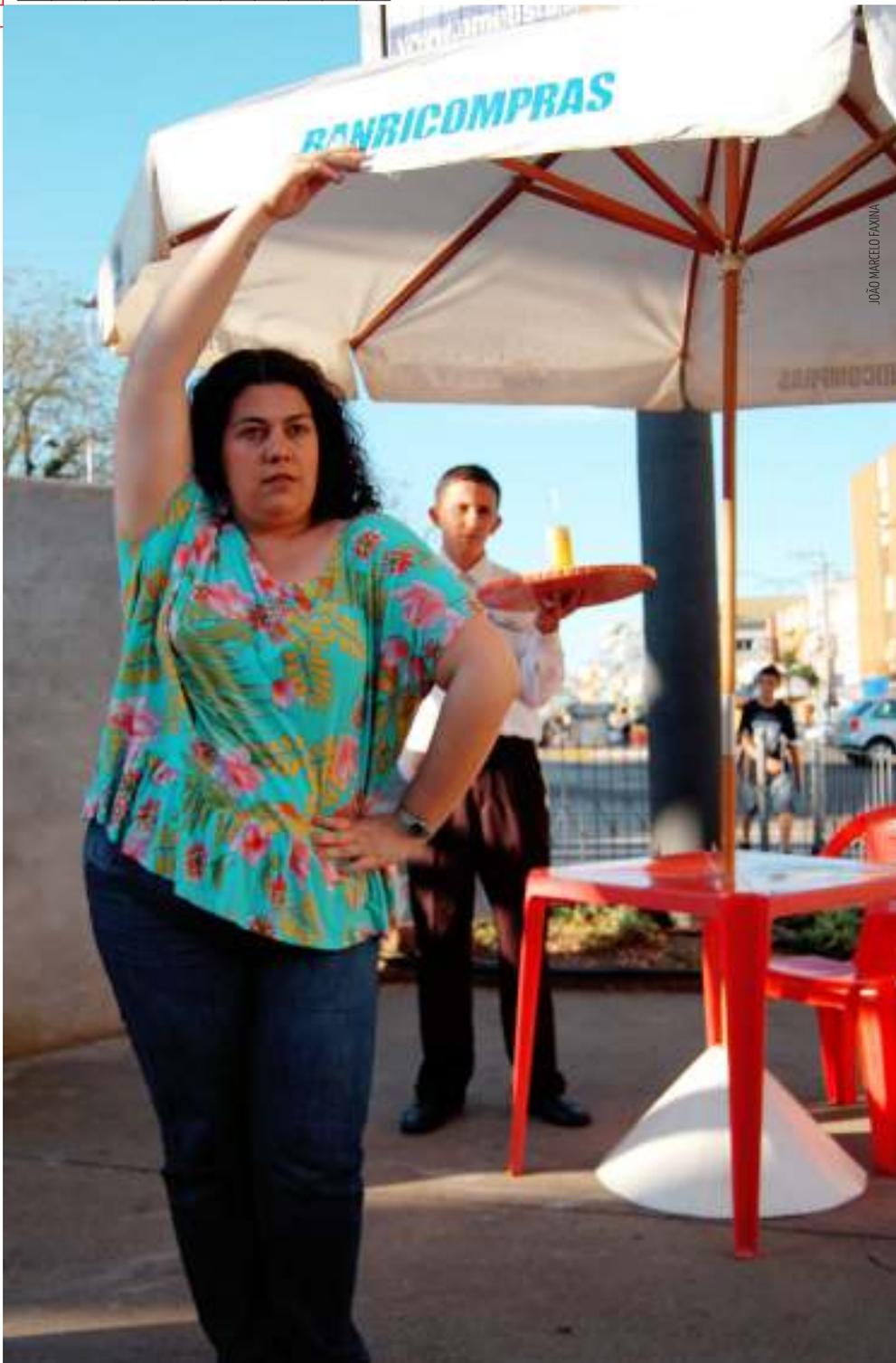
“ Beleza é fundamental, todas as pessoas correm atrás disso. Esse exagero é tanto que o bem-estar e os verdadeiros prazeres da vida são esquecidos.

Rossana Enninger, 20 anos, estudante



JOÃO MARCELO FAXINA





JÓÃO MARCELO FAXINA



“ É claro que eu gostaria de ter ”

'tempo' para consumir moda, mas enquanto a indústria se mantiver focada nas elites, o resto dos mortais, como eu, se viram com o que temos para hoje, jogando entre peças de lojas de departamento, imitações made in paraguai de grifes francesas e achados de brechôs [...] A perseguição da magreza, do corpo perfeito se tornou uma obsessão de toda sociedade. Mas ninguém lembra que somos tão vítimas da genética como das forças sociais. Este é o meu biotipo, esta é minha herança genética, e por mais que eu procure levar uma vida mais saudável, eu nunca vou ser uma Gisele. E nem quero ser uma Gisele, já sou uma Camila, com toda dor e delícia de assim o ser

Camila Souza, 29 anos, estudante

Este editorial foi produzido com a participação voluntária de seis mulheres de Frederico Westphalen:

Aglé Panosso
Bruna Carla Molena
Camila Pilla de Azevedo Souza
Caroline Scolari
Josefina Toniolo
Rossana Enninger

Como cenário foram escolhidos ambientes do dia-a-dia dos frederiquenses, como supermercado, praça e restaurante, não envolvendo nenhuma produção por parte das modelos.

De bem com o corpo

Saiba quais são os estágios e como os seus hábitos podem interferir na celulite

Mariane de Oliveira

marianedeoliveira@hotmail.com

Muitas mulheres ficam apavoradas ao perceber um furinho na coxa ou no bumbum. A celulite é uma inflamação do tecido subcutâneo e resulta de um acúmulo de gordura na hipoderme (camada mais profunda da pele), que provoca nódulos, devido ao crescimento exagerado de células de gordura, que, por serem resistentes e flexíveis, podem crescer até 100 vezes mais do que seu tamanho normal. Ela pode atingir tanto pessoas gordas como magras.

A celulite também pode aparecer por outros motivos: aumento de gordura associado a alterações hormonais, retenção de líquido, má alimentação, sedentarismo, envelhecimento fisiológico, desidratação, radicais livres, genética e biotipo. Afetando cerca de 90% da população feminina, compromete principalmente coxas e nádegas. Mesmo sendo uma infecção, por si só, inofensiva, pode ser classificada em quatro estágios, sendo o último considerado o mais grave.

A fisioterapeuta Taciana Tagliapietra, 31, explica que hoje existem muitos tratamentos para combater ou minimizar a celulite, mas que, antes de partir para um deles, é de extrema importância avaliar a paciente: “a avaliação é a primeira coisa a ser feita, ver a questão da alimentação, da prática de atividade física, da ingestão de água. Só depois dessa etapa se avalia clinicamente, para ver em que grau está e que tipo de celulite é”, recomenda a fisioterapeuta.

Há tratamentos diferenciados para cada tipo de celulite, desde a flácida até a que atinge camadas mais profundas da pele. “Um tratamento estético mais simples contra a celulite que possui fibroses em estado avançado não funciona. É preciso partir para um tratamento mais profundo, que se chama subcisão (procedimento cirúrgico realizado com anestesia local, em que uma agulha especial rompe as fibras e solta a pele) para soltar as fibroses e assim poder melhorar a aparência da pele”, explica Tagliapietra.

A celulite grau 1, presente na maioria das mulheres, não exige muita preocupação. A estudante Maíra Cardoso, 20, diz que não faz nenhum tratamento para combatê-las, pois não se incomoda com elas, já que só as percebe apalpando a região em que se encontram.



A fisioterapeuta Taciana em sessão anti-celulite com uma paciente.

ESTÁGIO 1: há um leve acúmulo de gordura na região, que pode ser percebido através da apalpação ou contração.

ESTÁGIO 2: visível em algumas regiões com maior acúmulo de gordura, sem apalpação, já apresenta um certo grau de fibroses (excesso de tecido cicatricial), mas não apresenta dor.

ESTÁGIO 3: as células continuam aumentando de tamanho por causa do contínuo volume de gordura, deixando a superfície da pele com aspecto de “casca de laranja”. O endurecimento do tecido gorduroso provoca uma maior deficiência circulatória e maior acúmulo de toxinas celulares. Neste estágio, a celulite pode ser dolorosa quando pressionada.

ESTÁGIO 4: o inchaço nas células gordurosas é acentuado, o tecido de sustentação se torna mais endurecido (fibroesclerose) e a superfície da pele apresenta aspecto de “casca de nozes”. As pernas ficam pesadas, inchadas, doloridas e com sensação de cansaço.

Segundo Tagliapietra, em Frederico Westphalen, contudo, há uma grande procura por tratamentos anti-celulite. Um dos mais

usados é o Manthus, para gordura localizada e celulite, um ultrassom que, junto a correntes estereodinâmicas, faz a quebra da gordura e a drenagem. Outro tratamento bastante procurado é a drenagem linfática, que usa movimentos suaves e ritmados, relaxando o corpo e estimulando a circulação linfática. Se associada ao Manthus ou a massagem estética, a drenagem apresenta um melhor resultado. O tempo de sessões da drenagem é, normalmente, de 35 minutos, e o ideal é fazer a massagem de duas a três vezes por semana. Além desses tratamentos, existem muitos outros, como carboxiterapia, endermologia, mesoterapia, radiofrequência, ultrassom e hidratação externa.

Para prevenir e combater a celulite, é importante ter alguns cuidados com o corpo. Boa dica é evitar alimentos ricos em açúcar e gordura, lipídios, álcool, cafeína, sal, produtos industrializados e frituras. Outras recomendações: consumir frutas e legumes (que têm ação diurética e produzem colágeno – substância essencial para uma pele saudável), beber pelo menos um litro e meio de água ao longo do dia. Praticar exercícios físicos também auxilia na circulação sanguínea e evita a retenção de líquido, diminuindo, assim, a chance de a celulite aparecer. ■

Ergonomia: garantia de bem-estar nas atividades

Ambientes adequados a cada pessoa garantem melhor rendimento

Shana Rocha Nazário

Shana.nazario@hotmail.com

Cada pessoa possui particularidades físicas e, por isso, é importante um ambiente de trabalho projetado especialmente pensando nessas características. A ergonomia deriva do grego *ergon* (trabalho) e *nomos* (normas, leis, regras) e trata-se de uma disciplina orientada a uma melhor interação das pessoas com os outros elementos ou sistemas, com o objetivo de melhorar o bem estar humano na realização das atividades e também nas horas de lazer.

Uma pessoa que trabalha em um escritório, por exemplo, deve ter uma mesa adaptada para que não fique debruçada sobre ela e nem muito abaixo, forçando os braços para cima. A cadeira deve ser regulada de acordo com a sua altura e ter um encosto para as costas e braços de modo que fique confortável, sem sobrecarregar a coluna. São detalhes que parecem muito óbvios e que no dia a dia passam despercebidos, mas causam dores e problemas no futuro.

A fisioterapeuta Mercedita Piana Marquardt, 29, especialista em Podoposturologia (método de correção de desequilíbrios corporais relacionados à postura e a disfunções ortopédicas), complementa que, além das medidas de cadeira, mesa e monitor, existe o fator luminosidade: "a luminosidade deve ser adequada também, pois isso pode fazer com que a pessoa altere sua postura para poder enxergar". A Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT) enfatiza a relevância do conforto visual e sua influência na produtividade e qualidade final do trabalho. Na norma de 2004, é determinada a quantidade mínima de iluminação para cada tipo de atividade. Segundo a ABNT, "seguir esta normatização é apenas o primeiro passo para se ter um ambien-



Fazer intervalos e se alongar é essencial para não sobrecarregar a coluna.

te saudável neste sentido. Na sequência, deve vir a preocupação com a localização dos postos de trabalho em relação às luminárias e janelas. Deve-se ainda estar atento às diferenças entre colaboradores destros e canhotos que ocuparão os postos". A dica é consultar um engenheiro especialista em segurança do trabalho. Marquardt ainda cita como exemplo o filme *Tempos Modernos* (1936), do cineasta britânico Charlie Chaplin, que retrata a questão de movimentos repetitivos e fadiga muscular ocasionada por uma falta de estrutura planejada. Nesse filme, o operário acaba enlouquecendo por ser submetido ao ritmo e velocidade nas funções (repetitivas) de uma linha de produção.

O stress do operário ilustra o que ocorre quando o trabalho não obedece aos princípios da ergonomia, que serve justamente para melhorar essa relação do homem e máquina sem prejudicar a produtividade.

"Os arquitetos possuem aulas de ergonomia e projetam ambientes ótimos, mas ainda é im-

portante que as pessoas criem hábitos saudáveis, pois não adianta ter um ambiente ergonômico se a pessoa passar oito horas digitando, o nosso corpo necessita descansar, assim como fazer alongamentos diariamente", diz a fisioterapeuta.

A questão da ergonomia na arquitetura é um item fundamental para garantia do bem-estar em ambientes de trabalho, o mobiliário deve ser especificado considerando não apenas o papel estético, mas também o funcional.

O arquiteto Moacir Junior Ortiz, 26, fala sobre um procedimento padrão "para maioria dos arquitetos, antes de projetar analisa-se a Norma Regulamentadora 17 – NR17 (norma encontrada na legislação do Ministério do Trabalho) que é específica para ergonomia". Para

Ortiz, em todos os projetos o ambiente deve ser modelado com atenção à ergonomia e regras básicas para o atendimento pleno da atividade desempenhada, levando em conta as características físicas de cada pessoa. O arquiteto ainda cita Ernst Neufert (*A arte de projetar em Arquitetura*, 1965) como um grande autor nessa área.

Algumas universidades adotam disciplinas específicas sobre ergonomia, o que é considerado mais apropriado, oferecendo uma visão mais ampla e histórica aos estudantes. Outras abordam o assunto em determinadas disciplinas de projeto, incluindo a ergonomia diretamente na prática dos estudos.

A ergonomia é fundamental para o bem estar, conforto e saúde do nosso corpo, por isso devemos dar mais atenção às regras, e respeitar nossas condições de trabalho, não exagerar em uma mesma posição e descansar nos horários de intervalo. É uma atitude de prevenção que devemos ter, porque com saúde, sabemos que não se brinca e nem se descuida! ■

O avanço das tecnologias é um apelo irresistível

Cada vez mais pessoas abandonam tecnologias ultrapassadas em favor de novidades

Joana Frota e Lara Fagundes

joana.frota@bol.com.br, lara.lfg@gmail.com

Em meio a tanta modernidade tecnológica, ainda encontramos os amantes da antiguidade. Objetos antigos, mas que merecem ser guardados por aqueles que vivenciaram a época. Como eles mesmos dizem: dinheiro nenhum compra a experiência de ter vivido em tempos onde a tecnologia era rara, e é por isso que ainda se guardam aqueles toca-discos dos anos 60.

Modernidade

Há pessoas que nem pensam em continuar a usar coisas de tempos passados. É o caso do jovem designer Cilas Gimenez. Com 26 anos, ele se declara amante da tecnologia, e não sonha em viver sem ela. Além de trabalhar diretamente com o computador, com os famosos PCs, Cilas utiliza muito o smartphone. Realizar ligações, verificação de e-mails, faz pesquisas rápidas na internet. Ele também usa um notebook: um PC com menos desempenho, mas com mobilidade.

Em relação ao que era “tecnologia” há 10 ou 20 anos, Cilas é categórico:

— Tecnologia de antigamente é modesto demais. Não podemos comparar os equipamentos de hoje com os equipamentos que tínhamos no mercado há 20 atrás.

No entanto, Cilas admite que muitas coisas que usamos hoje, e são indispensáveis para o nosso dia-a-dia, são herdadas de outras décadas, como a geladeira e o forno micro-ondas.

— O que se vê de moderno são funções e aparências novas, mas o princípio que faz esses e outros equipamentos funcionarem foram inventados a gerações atrás. No caso da informática tudo que é feito - softwares, sites e sistemas operacionais - se devem às linguagens de programação que foram criadas na década de 60, ainda usadas para criar o que todos usam atualmente em celulares e computadores.

Com toda essa evolução, podemos perceber que o mercado da informática faz com que tenhamos mais variedade no mercado por conta da concorrência. Cada dia, novos produtos são



Cilas também aderiu a tecnologia 3D, a tecnologia em três dimensões.

criados, com mais novidades e mais marcas aparecem. Quem agradece é o consumidor, porque tem mais variedades no mercados, com preços diferentes, podendo optar na hora da escolha. Antigamente existia somente uma marca de videogame e hoje o mercado oferece diversas marcas e modelos.

— Acho que a demanda acabou criando a necessidade de equipamentos com custos mais baratos para ganharem mercado. Imagine um mercado onde não se tem concorrência: você faz um produto X com qualidade superior e vende ao preço que quiser. Mas, no momento que tiver de competir em preço, vai inicialmente baixar custos de produção atingindo a qualidade do produto.

Cada vez mais, a evolução da criança está ligada à tecnologia e muitos jovens tornam-se escravos das máquinas. O que deveria ser algo be-

néfico torna-se ruim pela dependência que isso causa em algumas pessoas.

— Sim, algumas pessoas que não veem limite no uso da máquina. Se tornar escravo para trabalho não é prejudicial, da mesma forma que um jogador de futebol é escravo da bola ou um marceneiro é escravo do serrote. São ferramentas que você usa muito porque é o seu trabalho, mas usar esses itens para deixar de lado outras coisas da vida já se torna prejudicial.

O aparelho eletrônico que há 5 anos era sucesso, hoje já é ultrapassado perto da infinidade de tecnologias: são celulares multifuncionais, MP3, iPad, iPhone, smartphone, notebook, netbook. Novidades tentadoras que encantam crianças, jovens, adultos e idosos.

O pequeno Lucas Barth, de 11 anos, já é familiarizado com o computador desde os 2 anos de idade. Entende tudo de jogos, não importa em que língua esteja. “Quando aprendi a ler foi a melhor coisa pra aprender a jogar, se era em inglês eu traduzia e aprendia. Até sei falar umas coisas em inglês só aprendendo nos jogos”, conta Lucas.

A mãe, Lara Barth, não vê essa paixão do filho por computador como um ponto negativo. “Acho que isso não é prejudicial a ele, porque estimula também o raciocínio, ao pensamento, à lógica. Ele também não deixa de brincar com brinquedos físicos”, explica Lara.

TECNOLOGIA ANDROID

Android é um sistema operacional para dispositivos móveis, como celulares, smartphones e tablets, que tem como base o núcleo do Linux. Talvez a maneira mais fácil de explicar, seja dizer que o Android é o Windows de alguns celulares

...mas, relíquias ainda atraem colecionadores

Ainda existem pessoas que gostam e preservam antiguidades. É o caso do professor universitário Luís Fernando Rabello Borges. Conhecido pela sua vasta coleção de revistas, discos e quadrinhos,

Para conseguir suas relíquias, Luis gasta bastante dinheiro. Ele admite que ficaria milionário se vendesse seus itens, não pelo o que custou na época, mas pelo o que valem.

— Se eu fosse somar tudo, ver o quanto eu gastei com cada um, daria uma boa grana. Se eu fosse vender pelo que realmente vale, e não pelo valor que eu gastei (boa parte custou uma merreca), eu ficaria milionário. Mas eu gosto desse material, acho legal, então não vendo. A não ser que um dia eu precise desesperadamente de dinheiro.

Desde que foi lançado o CD, discute-se a diferença de qualidade em relação ao LP, que teria muitos

ruidos e chiados. No entanto, muitas bandas ainda estão lançando a versão do seu disco em LP de vinil, também. Mas, com evolução da tecnologia no âmbito musical, a qualidade sonora dos dois se equivalem.

Para Luís Fernando, a exclusividade é outra questão importante: o item único torna-se especial.

— Eu acho melhor aquilo que não existe em outro suporte. Discos que não foram digitalizados, revistas que não foram escaneadas... Assim como mp3 que nunca foram lançados sequer em CD.

Apesar do valor da obra como objeto único, mídias do passado hoje são digitalizadas, transformando-se em arquivos dentro do computador. Além de facilitar o acesso, ocupa-se menos espaço físico, mas perde-se espaço dentro do HD. Luis Fernando afirma ter digitalizado discos e fitas K7, e promete digitalizar as fitas VHS quando sobrar um tempo.

Para Luis, a maior vantagem da digitalização está não na qualidade das mídias ou artigos, mas no armazenamento, na forma como guardar todas essas obras, já que só basta somente um bom disco rígido com bastante espaço.

— A maior vantagem é que hoje é mais fácil de armazenar as “tralhas”, pois conteúdos digitalizados ocupam bem menos espaço. Mas pra

mim não há maiores problemas, pois sempre fui um cara organizado.

E diz-se organizado graças a todos os itens que guarda em sua casa.

— Aliás, é graças a essas “tralhas” que eu sou assim, elas me obrigaram a isso. Do contrário, minha casa seria uma verdadeira Ilha das Flores de lixo cerebral.

Ser colecionador de relíquias muitas vezes é um hobby, aprecia-se tanto as antiguidades que pretende-se guardá-las para mostrar aos

netos. É o caso de Cirlei Pereira, 55 anos. Ela ela ainda guarda objetos antigos como lembrança dos pais. “Tenho a máquina de costura da minha mãe, aquelas de pedalar. Até uso às vezes, mas guardo porque tenho uma lembrança dela trabalhando na máquina. E isso é gratificante”, lembra Cirlei.

Quando questionada se não acha ruim acumular coisas velhas, ela esclarece:

— Muita gente já veio me dizer que estou guardado velharia, que eu deveria me desfazer dessas coisas e adquirir coisas novas. Admiro quem consegue colocar fora o passado assim, eu não consigo. Não me imagino jogando fora uma coisa que marcou minha infância e o convívio com a minha mãe que hoje não está mais aqui.

O que Cirlei conta é bastante comum. Algumas pessoas acabam se desfazendo de objetos que foram marcantes na sua vida, mas não acham isso ruim. Pelo contrário, acreditam que o melhor a fazer é dar a alguém para receber em troca. Lígia Silva conta que são poucas as coisas que guarda.

— Praticamente não tenho nada hoje, dei tudo, troquei, emprestei e não pedi de volta, e acredito na premissa de que “quando nos desfazemos de algo, abrimos espaço para adquirirmos novas coisas”.

Mas ela admira quem conserva relíquias:

— Acho lindo objetos antigos, rádios, toca-discos, até os móveis de uma casa antiga, cheguei a trocar alguns móveis novos de casa por armários antigos em um brechó. Os detalhes nas madeiras eram muito finos. Eu admiro isso e também, me encanta quem guarda relíquias bonitas do tempo onde tecnologia era algo raro. ■

“Acho positivo tudo aquilo que me possibilita consumir mais e gastar menos.”

Luis Fernando R. Borges

VIDEO-GAMES DO FUTURO



XBOX

É a linha de videogames produzida pela empresa estadunidense Microsoft Corporation, em colaboração com Intel e Nvidia. O Xbox foi desenvolvido para competir com o PlayStation 2 da Sony e Gamecube da Nintendo como parte da sexta geração de consoles.

XBOX 360

É um console de jogos da sétima geração de consoles de videogames produzido pela Microsoft.

As características principais do Xbox 360 são o seu serviço Xbox Live que permite aos jogadores competir online, baixar jogos arcade, demos de jogos, trailers, shows de TV, música e filmes.



KINECT

permite que o usuário controle e interaja com o Xbox 360 sem a necessidade de um comando por um joystick. Ao invés disso, são usados gestos, sinais de voz e/ou objetos.

Ao chegar ao Brasil, o Kinect ainda não teve reconhecimento de voz (que identifica a pessoa pela voz) em português, “ele terá de ser atualizado com o tempo”, diz a Microsoft Brasil.

Os video-games que antes eram movidos a controles-remoto hoje foram substituídos pela tecnologia de sétima geração e usa-se o corpo. O que o usuário precisa fazer é pular, correr e agir como estivesse dentro do jogo. Fonte: www.xbox.com.

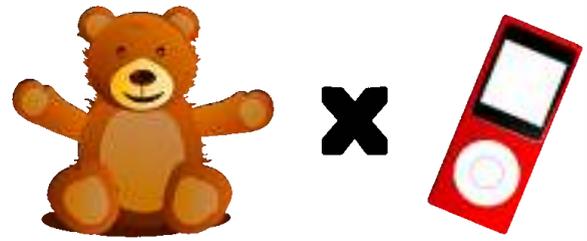
Novos costumes da nova infância

Maurício Cattani

mauricioecattani@gmail.com

A marelinha, esconde-esconde, pega-pega, pulatábua, perna de pau, peteca, carrinho de rolimã, soltar pipa e tantas outras brincadeiras da cultura popular fizeram parte da infância de muitas pessoas nas décadas anteriores, proporcionando a socialização com os outros. Um período totalmente diferente do encontrado hoje em dia. Naquela época, o que falava mais alto era a ousadia da criatividade para inventar os próprios brinquedos.

Emilia Tissiani, 67, viveu sua infância no interior do estado do Paraná e relembra como era suas brincadeiras quando tinha seus dez anos de idade: "eu adorava jogar peteca com meus irmãos, também cantávamos até tarde da noite quando a gente chegava do serviço". Ela ainda conta que fazia seus próprios brinquedos, como a boneca de milho, onde quebrava a espiga de milho e com os "cabelinhos" do sabugo enrolava um pano em volta. Além disso, fazia os itens de uma casa para a boneca, como a cama, mesa e cadeira, com os pedacinhos de madeira que encontrava no chão, dando a forma dos móveis que pretendia. Emilia revela que naquela época não tinha muito tempo de brincar, pois tinha que trabalhar na roça, mas



conta que quando dava uma folga no trabalho ia logo correndo pegar suas bonecas "improvisadas".

Nos dias de hoje isso está cada vez menos freqüente, como conta o garoto Lucas Ambrós, de apenas oito anos de idade, que prefere jogar videogame em vez de jogar bola com os colegas da escola, pois acha mais divertido do que ficar na rua. Sua mãe Maria de Vargas Silva, 40, moradora do bairro Fátima de Frederico Westphalen diz: "gostaria que meu filho fosse brincar com os outros colegas, mas ele prefere ficar em casa jogando videogame".

Entretanto, tudo se transforma, provocando novos costumes desta nova infância que procura cada vez mais por dispositivos tecnológicos como: celulares, videogames, computadores, brinquedos que "brincam sozinhos". É a famosa "geração Z" ou também chamada de nativos digitais, que são aquelas pessoas que nasceram a partir do ano de 1993 até os dias atuais. Isso reflete diretamente no comportamento delas, que acabam deixando de lado as ditas brincadeiras do "passado".

Como é o caso de Isabelle Vitória com dois anos de idade, já mostra interesse em usar o computador, além disso, sua mãe Kelly Mafessoni, conta que ela já consegue até mexer no celular realizando operações simples como de atendê-lo.

Essa nova geração já sofre em virtude de seu comportamento sedentário. É o que aponta uma pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que indica que uma em cada três crianças de 5 a 9 anos está com excesso de peso. Mas o que importa daqui para frente é que as crianças brinquem de forma que elas se sintam bem, porém sempre pensando em brincadeiras que possam ajudar no seu desenvolvimento físico como intelectual. ■



Qual é sua geração?

Geração X

Nascidos entre 1960/1980

Busca da Individualidade sem perda da convivência em grupo. Maturidade e escolha de produtos de qualidade. Maior valor a indivíduos do sexo oposto. Busca por seus direitos. Procura de liberdade.

Geração Y

Nascidos entre 1980/2000

Estão sempre conectados. Compartilham tudo o que é seu: dados, fotos. Preferem computadores a livros. Preferem emails a cartas. Digitam ao invés de escrever. Vivem em redes de relacionamento.

Geração Z

Nascidos entre 1993/Até hoje

Consumem gadgets com mais recursos. Não "vivem" sem internet. Já nasceram conectados. São multitarefa e não são fieis a trabalhos ou empregos que não estejam de acordo com suas crenças.

Entre as dificuldades e a paixão pelo futebol

Conheça a luta de um jovem time de futebol no interior do Rio Grande do Sul

Rodolfo Sgorla da Silva

rodolfosgdsilva@gmail.com

Longe de um numeroso público, afastado de recursos milionários para investir e sem camarote para assistir aos jogos de seu time no estádio. Na maior parte dos casos, assim é a rotina de um presidente de time de futebol do interior do estado. Não é diferente com Celson Oliveira, presidente do mais novo clube de futebol do Rio Grande do Sul, o União Frederiquense.

Para o União, clube da cidade de Frederico Westphalen, região noroeste do estado, outro desafio era enfrentar a desconfiança, resultado dos recentes seis meses de vida. O clube, fundado em três de agosto de 2010, disputou sua primeira competição oficial, a Segunda Divisão Gaúcha, no primeiro semestre deste ano.

— A maior dificuldade no interior do estado é conseguir patrocínio. É difícil porque um clube no interior dá pouca visibilidade. No nosso caso era ainda pior, porque ninguém queria investir, afinal não se sabia que resultado teria a nossa ideia. O que não reprovou, afinal era arriscado mesmo — pondera Oliveira.

Com os patrocínios, o clube somou 570 mil reais. O passo seguinte foi contratar o treinador Rodrigo Bandeira, graças ao apoio de Gisard Salton, diretor do Internacional de Porto Alegre mas natural de Frederico Westphalen. Bandeira, então, se tornou um parceiro da direção. O técnico dava conselhos para administrar o clube e era cartão de referência para contratar jogadores. Outra ajuda veio do Esporte Clube Itapagé, que cedeu gratuitamente o seu estádio.

O torcedor também foi fundamental para o União. Contrariando o argumento de clubes interioranos de poucos torcedores nos estádios, os frederiquenses deram ao União a segunda melhor média de público da Segundona. O saldo das bilheterias permitiu ao clube investir no futebol. De uma folha salarial de 38 mil reais no começo da competição, o União passou a gastar 58 mil reais a partir da metade da segunda fase.

De acordo com o diretor financeiro Vinicius Girardi, o União gastou 5 mil reais além do que havia arrecadado com os patrocínios. Girardi



Contra a tradição dos adversários, estádio lotado nos jogos em casa.

“Me arrepio só de lembrar o estádio lotado em dias de jogos.”

Torcedor Charles Escopel

também cita algumas alternativas encontradas pelo clube: “Decidimos terceirizar o setor de bebidas, nos dias de jogos. Além disso, um dos patrocinadores, ao invés de pagar o clube, forneceu alimentação para alguns jogadores”.

Se encontrar patrocinadores foi um desafio, a arbitragem também foi uma pedra nas chuteiras do União. Torcedores da dupla Gre-Nal reclamam de favorecimento na arbitragem para times do eixo Rio-São Paulo, clubes do interior do estado se queixam de que são prejudicados quando enfrentam os grandes de Porto Alegre. Por sua vez, clubes tradicionais do interior são

beneficiados pela arbitragem quando enfrentam os mais novos. Esse é o argumento de muitos torcedores do União, e com o qual Oliveira concorda: “A arbitragem errou muito contra nós. E na minha opinião, em alguns jogos fomos prejudicados unicamente pelo fato de sermos uma equipe nova”.

Apesar de ser um time novo, não faltam torcedores apaixonados pelo tricolor do Médio Alto Uruguai, como por exemplo o técnico bancário Charles Scopel: “Eu auxiliei em ações de marketing e trabalhei com a imprensa nas partidas, mesmo não tendo cargo nenhum no time. Isso porque eu sempre gostei de futebol. Me arrepio só de lembrar o estádio lotado em dias de jogos”.

A mistura de paixão dos torcedores com algumas dificuldades para administrar o time é o contexto onde o União traça os seus desafios para 2012. O clube vai montar um projeto para a temporada do ano que vem, que está orçada em um milhão de reais. Tudo para disputar a Segundona Gaúcha e a Copa Dra. Laci Ughini (antiga Copa FGF), além de montar uma categoria. ■

Meio Mundo

Revista-laboratório do Curso de Jornalismo da UFSM · campus Frederico Westphalen

número 4



Frederico Westphalen UNIDA

O União Frederiquense agradece à torcida da cidade pelo apoio na campanha de estreia na Segunda gaúcha